

MARIA



Namorar é preciso

Os santos e
o folclore

Juventude e
cultura neoliberal

Missa da Terra-sem-Males

(Continuação)

Os Guarani, filhos da grande nostalgia, buscadores incansáveis da “Terra-sem-males”, dariam o utópico tom político e também escatológico. A Terra-sem-males, que a mística guarani secularmente vem procurando, num êxodo comovente, é uma Terra possível, o dever fundamental da História Humana, a tensa alegria de nossa Esperança em Jesus Cristo, o Senhor Ressuscitado, o Novo Céu e a Terra Nova que o Pai Deus jurou dar a seus filhos.

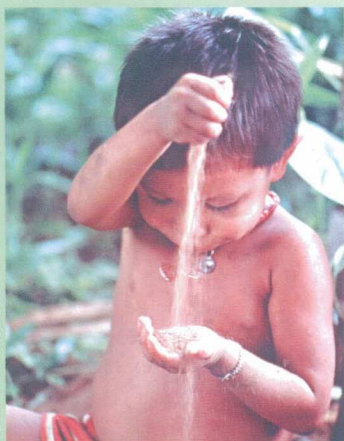


Foto: Rosa Gaudiano



Eu, missionário, espanhol — no caso, ser catalão não fez diferença —, diria minha parte de contrição, em nome da Espanha colonizadora e em nome da Igreja missionária.

Pedro Tierra — entranhável pseudônimo de Hamilton Pereira da Silva —, brasileiro telúrico e vítima heróica da Repressão neo-colonizadora, diria sua parte, em nome do Brasil, com a força irada de seus homens novos.

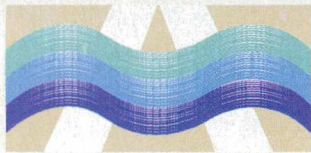
Martín Coplas, argentino, descendente de quechua e aymara — pseudônimo com sabor de alma musical popular e que carrega o respaldo prócero de Martín Fierro — diria, em solfejo, em várias músicas aborígenes do Continente, a parte mais profunda. Por Martín falariam outra vez as flautas dos Andes emudecidas e o amedrontado tambor do coração de seu Povo.

O mais, a História já o contou, bem ou mal. Os Museus exibem-no com sacrílega passividade. E os novos Impérios — nacionais e multinacionais — da cobiça da terra, madeira, minério e mão-de-obra barata — continuam a executá-lo, perante os olhos impassíveis da Civilização Ocidental Cristã.

(Continua no próximo número)



D. Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia, MT.



Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregianin

Administração: Luiz Claudemir Botteon

Equipe de redação: Avelino S. de Godoy;

Eduardo Russo; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Antônia Portero Simon;

Avelino S. de Godoy.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 4º e 5º andares. Tel: (011) 3666-2128 e 3823-1060 - Caixa Postal 1.205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86 Embu, SP Bairro do Gramado, CEP 06835-300.

A assinatura pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado em nome da **Revista Ave Maria** — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades em domicílio; nas demais, as renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

Assinatura anual: R\$ 25,00.

Ligue grátis: 0800-555-021

Fax: 3826.7016

Ave Maria na internet:

www.avemariainternet.com.br

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@revistavemaria.com.br

assinaturas@avemariainternet.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela *Revista Ave Maria* a todos os seus representantes legais.

COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Alexandre Gregianin, RS; Alice Ferreira Reis, SP; Sérgio Pierozan, SP e GO; Benedito Carlos Câmara, SP; Jesus Macedo, SP; Mauro Donizeti Câmara, SP; Dideró Ribeiro, Marília, SP; Benedito Vaz Neto, MG; Edson Nunes de Moraes, MG; Gilmar Diniz Silva, MG; Pe. Pedro Jordá, Palmira Farias, Cordeirópolis, SP; Luzia Brancatti Stephaneli, Piracicaba, SP; Andréia Maria Ferreira Reis, Rio Claro, SP.

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Lembre-se de que é importante V. Sa. manter sua anuidade em dia. Se V. Sa. tiver dúvida quanto à data do vencimento, ligue a cobrar para a *Revista Ave Maria* (90 ___ 11) 3666-2128 ou 0800-555-021

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários teológico-bíblicos diários sobre as leituras bíblicas das missas na internet:

www.claretianos.com.br

www.avemariainternet.com.br

Salvar ou salvar

Podem parecer estranhas mas as propostas de ações cristãs para a salvação, tais como são apresentadas pelo Mestre, Jesus de Nazaré, não têm contrapropostas. Aquele mandato: *ide por todo mundo e anunciai a boa-nova...* (Mc 16,15) jamais terá espaço para condenação, ou outra coisa semelhante, somente libertar.

Nesse sentido, a fé cristã nos faz agir sempre criando novas oportunidades de salvação e libertação tanto para nós quanto para o próximo. Quando a Igreja lança uma campanha, tal como a da Fraternidade, a da Cáritas, a da Pastoral da Criança, etc., é para que todos, cristãos e pessoas de boa vontade, encontremos novos caminhos, sempre de libertação. Por exemplo, neste ano, com a CF'2002: tomar consciência sobre os problemas que massacram os índios, suas culturas e agir para que eles não sejam dizimados ou condenados a desaparecer; ou a campanha do "soro caseiro" cujas práticas salvaram e salvam centenas de milhares de crianças; ou campanhas de alimentos e agasalhos cujos resultados benéficos são incontáveis.

Assim sendo, mesmo em situações mais agudas, tais como na questão de pedofilia, até no clero, que tanto espaço tem ocupado na mídia, entendemos que a proposta é sempre salvar. É bom lembrar que a Igreja tem um sacramento chamado "Reconciliação", com o qual todos os cristãos que propõem corrigir-se, superar o pecado, têm sinalizada a bênção sagrada e a oportunidade de recompor-se tantas vezes quantas precisarem. E a Igreja assim age por meio dos presbíteros comprometendo-se com o sigilo.

As propostas permanentes de salvação, e que vale a pena lembrar, emanam da essência do evangelho de Jesus. Quantas vezes devemos perdoar? Sete vezes? (Entenda-se: abrir caminhos para a correção e ajuda para uma nova vida). Jesus responde: *setenta vezes sete!*... (isto é, sempre!) (Mt 18,22).

Se o aprendido foi *olho por olho, dente por dente* (Mt 5,38) a fé cristã nos ensina outra lição: *Se a vossa justiça não superar a dos fariseus...* (Mt 5,20). Quando alguém reza dessa forma: *graças te dou, ó Deus, que não sou como os demais homens: ladrões, injustos e adúlteros... porque eu sou bom e cumpro meus deveres...* (Lc 18,11), por princípio, sua religião é excludente, ele não se considera da mesma raça dos humanos que são fracos. Jesus diz que esse pensamento e essa postura não são justos.

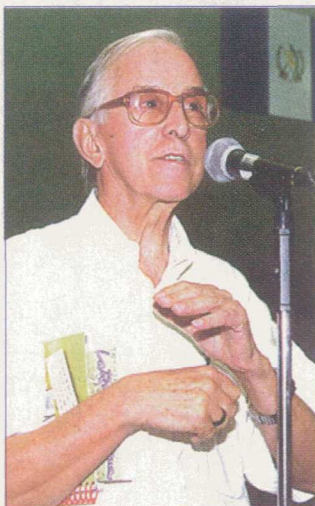
Não se trata, é claro, de eliminar a impunidade, ou de não se fazer justiça, mas de preservar a proposta cristã de oportunidades inesgotáveis de correção e vida nova. É para isso que servem as ciências, a sabedoria e a religião.

A ciência médica, por exemplo, esmera-se em todo mundo para descobrir novas técnicas de cura tanto dos órgãos do corpo quanto do equilíbrio psíquico. O mesmo se diga da religião. A alma, o ser de qualquer pessoa, também precisa de toda ciência e oportunidades para salvação.

Frei Betto esmiúça os recursos do neoliberalismo que tenta neutralizar a utopia dos jovens (p.9). Pe. J. B. Libânio aponta para a necessidade do carinho e ternura contra a aridez do cotidiano (p.11). Em seu artigo: "Pedir sabedoria", pe. Zezinho nos alerta contra os falsos profetas de nosso tempo (p.14).

P.C.G.

Cidadão honorário



Fotos: Cláudio Gregiamin

Roma, Itália, 31/3. O *Boletim Informativo Claretiano*, editado na capital italiana, registrou, em seu número 372, de 3/02, ter-se realizado uma homenagem, na cidade de Taguatinga, TO, ao bispo de São Félix de Araguaia, d. Pedro Casaldáliga, cmf, que foi nomeado cidadão honorário.

Tal título lhe foi concedido pela Assembléia Legislativa de Brasília, DF, como reconhecimento por seu trabalho em defesa dos indígenas, dos negros, dos camponeses sem terra e de outras minorias sociais. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, esteve representada por d. Mauro Montagnoli, css, bispo de Ilhéus, BA, e por alguns assessores.

No seu discurso, d. Casaldáliga afirmou: "A esperança é a única coisa que nos resta". Falou de uma pátria grande, da luta

em defesa dos pobres e da implantação do reino de Deus. "A América Latina é mais que canção para horas nostálgicas: é drama de família, missão ardente que temos entre mãos, herança que não podemos confiar a responsabilidades alheias, memória de inumeráveis martírios, nosso futuro pessoal e indivisível. Ou nos salvamos, a nível de continente, ou continentalmente nos perdemos. A solidariedade é da continentalidade inteira, assumida como um desafio de libertação".

Homenagem

Florença, Itália, 23/3. Naquela data, o Presidente da Câmara Municipal de Florença, o Sr. Leonardo Domenici, entregou ao cardeal d. frei Lucas Moreira Neves, OP, ex-arcebispo de São Salvador, BA, e Primaz do Brasil, e ex-Prefeito da Congregação para os Bispos, o "Fiorino d'oro" (florim de ouro), máximo reconhecimento que a capital da Toscana oferece a personalidades insígnas nos campos da cultura, da arte e da sociedade em geral.

Tal condecoração lhe foi atribuída por sua prolongada presença em Florença, pelos vínculos de amizade com a cidade, pelos onze anos de germinação "em nome das crianças", pela sua atividade em defesa da vida e dos direitos humanos, mas inclusive por sua

estreita e constante colaboração com os missionários, sacerdotes e religiosas, enviados há três décadas daquela arquidiocese florentina para a Sede de São Salvador da Bahia.

Tal laço de amizade deu frutos copiosos: a fundação do "Projeto Ágata Esmeralda", a Associação criada há dez anos para a adoção à distância, que hoje contribui para o crescimento de 8.400 meninos de rua, dezenas de escolas, centros de hospitalidade e vários ambulatórios.

Durante a cerimônia, o cardeal Moreira Neves recordou que aquele Projeto se reveste de importância fundamental, "porque ajudará muitos jovens a ter um futuro e porque fez do cuidado das crianças uma das prioridades do meu serviço episcopal" (L'O.R. nº 15).

Novos beatos

Vaticano, 14/4. Nessa data, durante a celebração da missa, o papa João Paulo II beatificou mais seis novos Servos de Deus: Caetano Errico (1791-1860), presbítero, fundador da Congregação dos Missionários dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria; Ludovico Pavoni (1784-1849), presbítero, fundador da Congregação dos Filhos de Maria Imaculada (Pavonianos); Luís Variara (1875-1923), presbítero, da Sociedade de São Francisco de Sales, fundador do Instituto

das Irmãs Filhas dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria; Maria do Trânsito de Jesus Sacramentado (1821-1885), virgem, fundadora da Congregação das Irmãs Terciárias Franciscanas da Argentina; Artemides Zatti (1880-1951), religioso, da Sociedade de São Francisco de Sales; e Maria Romero Meneses (1902-1977), virgem, do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.

Cardeal Re

Itaici, SP, 10/4. A convite da Presidência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, o cardeal Giovanni Battista Re, Prefeito da Congregação para os Bispos e Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina, visitou, de 8 a 10/4, a sede da CNBB, em Brasília, DF, e a Assembléia Geral dos Bispos, realizada em Itaici, SP.

O motivo da vinda do cardeal Re ao Brasil foi a comemoração dos 50 anos de fundação da CNBB, que ocorre neste ano. S. Emcia. veio ao Brasil em razão da relevância da missão que desempenha na Igreja e dos vínculos existentes entre a CNBB e a Congregação por ele presidida.

Liturgia

Brasília, DF, 8/5. Ao celebrar os 40 anos da Constituição sobre a Sagrada Liturgia, a dimensão



litúrgica da CNBB preparou uma versão popular e didática da *Sacrosanctum Concilium*. Um subsídio destinado à reflexão e ao estudo, particularmente pelas equipes de pastoral litúrgica e demais pessoas que se dedicam à promoção da vida litúrgica. O texto aborda os princípios, o sagrado mistério da Eucaristia, os demais sacramentos e sacramentais, o ofício divino, o ano litúrgico, a música sacra, a arte sacra e as sagradas alfaias. É ilustrado por Cláudio Pasto e pode ser encontrado nas livrarias católicas ou solicitados pelo telefone: 0800612226.

Família



Fotos: L'Observatore Romano

Brasília, DF, 7/4. *A Hora da Família* nº 6 tem como tema central "Acreditar na Família é construir o Futuro". Os temas gerais do livro enfocam a pessoa, a vida familiar e a família na comunidade, são eles: "É sabedoria construir o futuro iniciando pela família"; "Valorizar cada pessoa na

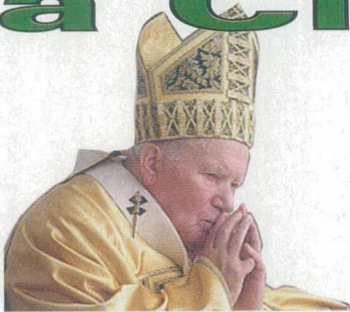
família"; "Valorizar cada família na Comunidade" e "Pela família, a construção de uma terra sem males". *A Hora da Família* traz ainda quatro temas destinados à reflexão durante a Semana Nacional da Família, que se realizará de 11 a 19 de agosto: "Família, sujeito e objetivo social e evangelizador"; "O desafio de construir família na atual sociedade"; "Ser família para quem não a tem"; "Pessoas e famílias edificadas constroem um futuro melhor". Também fazem parte da publicação as celebrações para as mães, para os pais, o Dia Nacional da Vida e a Festa da Sagrada Família.

Alca

São Paulo, SP, 29/4. Reuniu-se em São Paulo, nessa data, a Coordenação Nacional do Plebiscito sobre a Alca, assumido por muitas entidades e movimentos sociais. A constatação que surpreendeu foi a grande participação nos encontros regionais de formação dos organizadores do plebiscito, em número bem maior, por exemplo, do que o verificado na preparação do plebiscito sobre a Dívida Eterna. No início deste mês será realizada uma "plenária nacional", para definir as questões relacionadas ao plebiscito sobre a Alca, em vista de torná-lo instrumento de informação e de reflexão política.

A IGREJA NO MUNDO Notícias	4
PALAVRA DO PAPA Carta do Papa à CNBB	6
CAMPANHA DA FRATERNIDADE Por uma Terra sem males <i>Fraternidade e os povos indígenas</i>	7
FÉ E CIDADANIA Juventude e cultura neoliberal <i>Frei Betto</i>	9
Civismo cristão <i>José Geraldo Vidigal de Carvalho</i>	10
Namorar é preciso <i>J. B. Libânio</i>	11
Os santos e o folclore <i>Elias Leite</i>	12
Pedir sabedoria <i>Pe. Zezinho</i>	14
REFLEXÃO BÍBLICA Maria na Bíblia <i>Geraldo Araújo de Lima</i>	15
LINGUAGEM PEDAGÓGICA Paula Frassinetti e a ação doroteana no Recife <i>Francisco Gomes de Matos</i>	16
MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR Mãe da Divina Providência <i>Roque Vicente Beraldi</i>	18
SANTOS - TESTEMUNHOS DE VIDA CRISTÃ Clotilde e Romualdo <i>Ronaldo Mazula</i>	19
HISTÓRIA DA IGREJA Século XXI, desafio para a Igreja (continuação) <i>Ronaldo Mazula</i>	21
MEU LAR Diálogos internos: com quem conversamos? (continuação) <i>Wimer Botura Jr.</i>	22
CULINÁRIA <i>Yvonne Barros Oliveira</i>	23
PARA REZAR BEM OS SALMOS <i>José Fonzar</i>	24
LITURGIA DA PALAVRA De 21 de julho a 25 de agosto de 2002 <i>Adelino Dias Coelho</i>	26
TURMA DA MAÍRA <i>Tina Glória</i>	33

Carta do Papa à CNBB



Por ocasião do 50º aniversário da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, o papa João Paulo II escreveu uma Carta ao seu Presidente, d. Jaime Henrique Chemello, da qual reproduzimos os principais trechos:

O Concílio Vaticano II, no decreto *Christus Dominus*, reconheceu nas conferências dos bispos, já existentes na época, a oportunidade e a fecundidade de tais organismos, considerando 'muito conveniente que, em todo o mundo, os bispos de mesma nação ou região se reúnam periodicamente em assembleia, para que, da comunicação de pareceres e experiências, e da troca de opiniões, resulte uma santa colaboração de esforços para o bem comum das igrejas. Nesse sentido, a CNBB pode considerar-se como precursora no tempo e no espaço de muitas iniciativas — certamente não exclusivas — de forte impacto no conjunto da sociedade e em cada uma das suas comunidades. Não poderia, por isso, deixar aqui no esquecimento sua experiência enriquecedora no que tange não só à própria organização interna mas à liderança em secundar os anseios dos bispos, para uma mais eficiente evangelização por todo o território nacional. Dessa forma, assume uma dimensão particular o influo da *Campanha da Fraternidade* que,

promovida inicialmente em caráter diocesano, estendeu-se num segundo momento, em 1963, por todo o Brasil...

A amplitude, profundidade e rapidez das transformações no mundo em que vivemos e o repercutir-se destas sobre os indivíduos e os grupos humanos, conjuntamente com a facilidade e evidente influência das comunicações, que tornam hoje os homens sempre presentes uns aos outros, obrigam a aplicar-nos, constantemente, para saber discernir os sinais dos tempos. A



Foto: D. Jaime H. Chemello

presença zelosa e vigilante dos bispos na vida nacional, tal como fermento no meio da massa, serviu de estímulo corajoso para ajudar a percorrer o caminho traçado pelo Concílio Vaticano II, mormente no campo da vida eclesial, da justiça social e da unidade entre os cristãos e de todos os nossos irmãos separados...

Por isso, reitero que sendo a doutrina da fé um bem comum de toda a Igreja e vínculo da sua comunhão, os bispos, reunidos na conferência episcopal, procuram sobretudo acompanhar o magistério da Igreja universal, fazendo-o oportunamente chegar

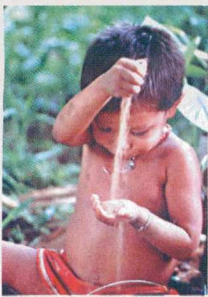
até o povo que lhes está confiado...

Esse país de dimensões continentais requer sempre novos operários para a sua messe e a CNBB, ao longo dos anos, tem procurado responder, com solicitude, ao mandato do Senhor de anunciar o Evangelho, confiante na promessa de que ele *estará conosco todos os dias, até o fim dos tempos*. Testemunho o meu apreço pelos esforços envidados no campo vital da pastoral das vocações, da formação do clero e da promoção do laicato. Nesse sentido, recomendo vivamente que transpareça sempre mais na vida eclesial a peculiaridade do sacerdócio ministerial como perene garantia da presença sacramental do Cristo Redentor e a especificidade do estado de vida dos leigos que têm um papel próprio a desempenhar na missão do inteiro povo de Deus, na Igreja e no mundo.

Acrescentaria que este e outros desafios de um episcopado reconhecidamente tão numeroso, exigem uma contínua sintonia, certamente já facilitada pelo trabalho comum realizado por essa Conferência, mas que deve persistir como modelo de diálogo entre os próprios bispos: entre bispos e presbíteros, entre pastores e fiéis, entre Igreja no Brasil e Sé Apostólica. Não será este um meio concreto destinado a reforçar aquela espiritualidade da comunhão, que quis propor na recente carta apostólica *Novo Milênio Ineunte*?

O afeto colegial é certamente o fundamento dos novos estatutos que visam delinear mais claramente o caráter episcopal da Conferência assegurando a direção das suas atividades aos bispos que o Espírito Santo constituiu para pastorear a Igreja de Deus. Deste modo, os bispos, mediante a recíproca troca de experiências e de pareceres, respondem, na fraternidade episcopal e na comum responsabilidade pastoral, às exigências da nova evangelização.

João Paulo II



Por uma Terra sem males

Fraternidade e os povos indígenas

Conheça um pouco mais sobre o texto-base da Campanha da Fraternidade deste ano, seu conteúdo de propostas de sociedade mais humana e justa.

Presença da Igreja missionária entre povos indígenas

Convivendo com as comunidades indígenas, a Igreja missionária vai tomando consciência dos valores e práticas vivas do Evangelho, presentes em cada cultura. E quanto mais engajados nas lutas, mais os missionários e missionárias reconhecem as sementes do Verbo presentes na religião desses povos. No caminho solidário e inculturado, a Igreja avalia e reorienta a sua ação. Isso porque, ao longo da história colonial, membros da Igreja participaram da conquista e subjugação dos povos indígenas. Nesse processo, a catequese e a escolarização tiveram papel fundamental.

Por outro lado, a História está repleta de exemplos de missionários que, rompendo os limites do seu tempo, assumiram a defesa desses povos, sofrendo perseguições na luta de 500 anos. É o caso do frei Bartolomé de Las Casas, dominicano espanhol, que presenciou a ação dos conquistadores no século XVI e foi grande defensor dos povos indígenas, dedicando cinquenta anos de sua vida à luta contra o genocídio dos povos da América, levado a cabo pelo projeto colonizador. No Brasil, também viveram grandes lutadores,

como o padre Antônio Vieira, jesuíta português, que defendeu os índios, questionando duramente o sistema de opressão e escravidão de sua época. Foi expulso do Maranhão, preso e julgado pela Inquisição, proibido de pregar e condenado à prisão também por defender a liberdade dos povos indígenas.

As ações de caráter integracionista marcaram a presença da Igreja até fins de 1960, quando ocorreu uma mudança importante. Com o Concílio Vaticano II (1962-1965) e a Conferência de Medellín, Colômbia (1968), a linha missionária ganhou novo impulso. A partir de então, engajou-se na realidade dos excluídos e marginalizados, assumindo compromisso de defesa e promoção da dignidade humana e de denúncia das injustiças. Movida por esse novo sentido de missão, a Igreja reorientou sua ação para os povos indígenas, assumindo verdadeiro mutirão em defesa da vida. Através dessa presença respeitosa e comprometida, os missionários e missionárias, com verdadeiro discernimento cristão, realizam o anúncio da Boa Nova do Evangelho: *Eu vim para que todos tenham vida, e vida em plenitude* (Jo 10,10).

Foi nesse contexto que, em 1972, foi criado o Conselho Indigenista Missionário, Cimi, organismo anexo à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB. Coube ao Cimi, em nome da Igreja Católica, atualizar a presença missionária entre os povos indígenas, assumindo novo e amplo conceito de missão, enquanto processo que visa à articulação dos povos indígenas, à sensibilização da sociedade nacional e

à redefinição de métodos e objetivos da própria ação e presença missionária.

São muitas as experiências evangelizadoras entre os povos indígenas que procuram descobrir com alegria as sementes da revelação, compreender e respeitar o que há de bom e purificar o que está em desacordo com o Evangelho. É a Igreja inculturada, que busca entrar em diálogo de salvação com as culturas indígenas, vibrar e sentir as maravilhas do Senhor, mesmo proclamadas em línguas desconhecidas (cf. At 1,8).



Essa visão de inculturação gera a solidariedade e o compromisso com as lutas do povo, seus problemas e a busca de soluções, suas alegrias e conquistas, contribuindo para gerar as condições para a liberdade e a autonomia. Assim se expressam os índios nas conclusões do documento do 3º Encontro da Teologia Índia, realizado em Cochabamba, Bolívia, em 1997:

"Propomos que o missionário cristão, ao chegar a uma cultura indígena, passe pelo processo de inserção; que

compreenda e assimile os valores, a cosmovisão e as expressões religiosas para, assim, descobrir nas culturas a manifestação de Deus. Porque inculturação é diálogo entre o Evangelho e as espiritualidades indígenas".

A pastoral indigenista tem como objetivo manifestar e comunicar "a caridade de Deus para que a todos os povos possa oferecer o mistério da salvação e a vida trazida por Deus" (*Ad Gentes*, 10), e igualmente acompanhar as lutas, partilhar os caminhos e ser fonte de esperança para os povos indígenas.



Foto: índios karajás

Fato de Vida

A experiência das Irmãzinhas de Jesus, da Congregação de Charles de Foucauld, com o povo Tapirapé, é um exemplo de trabalho missionário que respeita as culturas indígenas. No final do período colonial, os Tapirapé, como outros povos indígenas, haviam-se refugiado nas cabeceiras dos grandes rios, para fugir dos ataques dos portugueses que buscavam ouro e escravos. Povo numeroso que enfrentou muita violência, dispersou-se e perdeu seu território, ficando reduzido a apenas 51 pes-

soas, em 1950. Foram reunidos novamente e construíram a Aldeia Nova.

Em 1952, chegaram as Irmãzinhas de Jesus, para trabalhar com eles. Não chegaram impondo valores e nem catequizando. Vieram com outra perspectiva, e de outra experiência religiosa, em que o importante era a convivência discreta e silenciosa, a solidariedade e a inculturação. Esse apoio contribuiu para que um pequeno grupo de pessoas pudesse constituir novamente um povo. Atualmente, a população Tapirapé é de 475 pessoas. Em 1977, o jornal *O Globo*,

Rio de Janeiro, RJ, enviou uma equipe até a aldeia, para fazer uma matéria. Abaixo, transcrevemos algumas partes da referida reportagem: "A palavra respeito parece sintetizar a visão que elas têm do Evangelho. Diz a irmãzinha Genoveva Helena:

— Nossa meta é viver o Evangelho no meio deles. Não impusemos nada, só pedimos que nos aceitassem e eles nos aceitaram. Viram a gente vivendo e nós os vimos vivendo. Foi uma troca, procurando entender tudo o que eles faziam, na medida do possível. Enten-

der o que é o conteúdo da vida deles. Só fizemos isso, nesses anos todos, e ainda não sabemos a fundo. A irmãzinha Elizabeth completa:

— Nossa presença deu-lhes, principalmente, confiança. Quase voltaram para a mata apavorados, quando viram os primeiros teco-tecos das companhias agrícolas que se instalaram na área, no final da década de 50. Confiança e saúde.

Conversando sobre o trabalho das irmãzinhas com os Tapirapé, os índios contam:

— As irmãzinhas... tá trabalhando como usa (como é costume do) índio. Então assim nós gosta. O índio tá pen-

sando assim: quem manda é índio. Irmãzinha dá certo com nós, não manda nada, só trabalha. O índio é o dono daqui do Brasil todo. Por que o branco queria amansar o índio? É pra acabar, só pra acabar. Deus fez essa terra pra todo mundo, pra viver todo mundo. Não é pra dividir essa terra!".

No dia 26 de abril de 2000, durante a celebração da missa que marcou os 500 anos, em Coroa Vermelha, BA, o jovem Matalauê Pataxó fez comvente depoimento:

"Quinhentos anos de sofrimento, de massacre, de exclusão, de preconceito, de exploração, de extermínio de nossos parentes, acultramento, estupro de nossas mulheres, devastação de nossas terras, de nossas matas, que nos tomaram com a invasão (...) Estamos de luto. Até quando? Vocês não se envergonham dessa memória que está na nossa alma e no nosso coração? Nós vamos recontar essa história por justiça, terra e liberdade".

O pronunciamento de Matalauê foi, ao mesmo tempo, lamento e desafio à Igreja, para o apoio solidário e comprometido com a causa dos povos indígenas. Apoio para romper o silêncio e recontar a história deste país. Na voz de um povo oprimido, ecoa aquele mesmo chamado proferido por Jesus Cristo: *Vem e segue-me!*

Refletir sobre a causa dos povos indígenas requer, da Igreja, a corajosa e humilde atitude de reconhecer os erros cometidos por uma parcela de seus membros no passado, a ausência de diálogo, a falta de compreensão dos valores evangélicos manifestos nessas culturas.

Como povo de Deus a caminho, somos convidados a conhecer melhor a vida dos povos indígenas e a ouvir seu brado de dor e de esperança. Somos conclamados a assumir, ao lado deles, a defesa do direito sagrado à vida, à terra e ao respeito às suas identidades e culturas. (Continua.)

Juventude e cultura neoliberal

Frei Betto

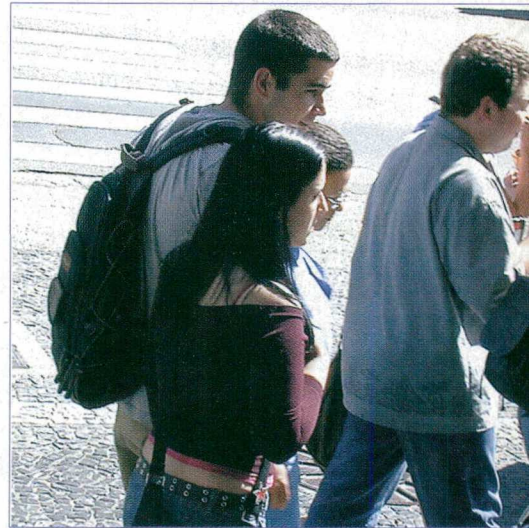
A cultura neoliberal teme o idealismo dos jovens. Todos os grandes revolucionários da história tinham menos de 30 anos de idade, ao ousarem consagrar suas vidas, a transformar sonhos em realidade. São três os recursos utilizados pelo neoliberalismo para neutralizar as motivações utópicas da juventude:

Primero, a desistorização do tempo. Extirpar o caráter histórico do tempo, herdado dos hebreus e tão presente na mensagem de três judeus paradigmáticos à nossa cultura: Jesus, Marx e Freud. Sem o varal da história, o tempo transforma-se num movimento cíclico. A historicidade cede lugar à simultaneidade. O compromisso, ao ficar. O projeto, ao prazer imediato. Assim, perde-se a dimensão biográfica da vida, agora reduzida à esfera biológica.

O antídoto para este atentado à cultura é a participação política: no grêmio ou no diretório estudantil, nos movimentos sociais ou partidários; na luta por direitos humanos ou pela defesa do meio ambiente. Toda escola deveria ser um centro de formação política, sem partidarismo, mas tendo clareza de formar cidadãos e não consumidores.

Segundo recurso neoliberal é a redução da cultura ao mero entretenimento. Nada de programas televisivos que despertem a consciência ou imprimam densidade ao espírito. Valem o apelo sensitivo, o jogo de imagens, o voyeurismo, a pornografia e a violência. Nada de fazer pensar e, muito menos, ter senso crítico.

Neste caso, o antídoto é a própria cultura. Acostumar crianças a lerem livros e jovens a debaterem temas da conjuntura nacional e internacional. Educar o olhar em cineclubes e sessões de vídeos, em que filmes, capítulos de novelas e cliques publicitários são analisados criticamente.



Terceiro recurso neoliberal é o consumo como fonte de valor humano. Em si, a pessoa nada vale. Mas revestida de uma mercadoria valiosa, como carro importado, mansão e grifes, passa a ter valor. Ou seja, é a mercadoria que imprime valor às pessoas e não o contrário.

Neste caso, o antídoto é a espiritualidade. Quem se abre ao transcendente, faz a experiência de Deus, entusiasma-se no serviço ao próximo, já não busca fora de si a felicidade saboreada em seu espírito. Prefere a solidariedade à competitividade. Vive o amor, não como dever, mas como o prazer de ser feliz por fazer os outros felizes.

Fotos: Eduardo Russo



Frei Betto é escritor, autor do romance "O Vencedor" Editora Ática, entre outros livros.

Civismo cristão

José Geraldo Vidigal de Carvalho

O ano eleitoral de 2002 se presta a inúmeras reflexões que levam à atuação consciente e esclarecida de todo cidadão. É a recordação viva da necessidade do cumprimento dos deveres de cidadania. Trata-se de empenho real para se contribuir com o desenvolvimento da pátria. Ocasão propícia para revisão do que se tem realizado com participação ativa nas questões nacionais.

Muitos só querem usufruir os direitos que lhes confere a Lei. Há quem se comporte estoicamente diante das prescrições legais, mas nada faz para a diminuição das desordens sociais e, podendo fazer mais dentro da própria profissão, contenta-se com menos. Existe a omissão perante a cooperação voluntária que o carisma de cada um pode dar para tantas atividades para o bem da comunidade com iniciativas em prol do bem-estar geral.

Civismo não se ensina, pratica-se pelo impulso interior de valores que ornaram um caráter bem-estruturado. Há, entretanto, incentivos providos de orientações que facilitam o dovotamento ao interesse público, firmando princípios que revigoram o patriotismo.

Não se pode esquecer que no lar e na escola se inoculam os sentimentos cívicos. Se essa educação não for ministrada, faltará, depois, dedicação à sociedade, que supõe, tantas vezes, até imolação, heroísmo.

Prejudicam profundamente o espírito patriótico os transtornos causados por atitudes negativas dos homens pú-

blicos, cujas depravações enfraquecem a ética. Isso faz aumentar o egoísmo, o culto do prazer como bem supremo. A pátria precisa de uma juventude forte que possa construir um futuro glorioso. Por isso, o combate aos vícios, às drogas, à imoralidade são também um ato de civismo. O amor pátrio supõe não se defraudar o fisco, mas não impede o protesto contra pesados impostos, como ocorre no País. Inclui o respeito às autoridades constituídas e a seus funcionários, embora exija também o combate à corrupção e a não-aceitação dos conceitos desvirtuados



Fotos: Eduardo Russo

ou de qualquer espécie de manipulação da opinião pública.

Civismo não é conformismo que conduza à aceitação do erro. Então, sim, cada um sentirá orgulho de pertencer a um povo ordeiro e progressista, como Paulo de Tarso que proclamava, ufano: *sou um cidadão romano* (cf. At 22,27).

A pátria somos nós

Solidário com os feitos gloriosos do passado e sentindo-se responsável pelo



futuro, o indivíduo, no gozo dos seus direitos civis e políticos, trabalha pela grandeza da nação. Eis aí um dos aspectos mais belos do humanismo cristão. A república, o estado em que se vive, a cidade onde alguém mora deixam de ser entidades estranhas a cada um, sociedade nebulosa identificada apenas pelos governantes. Eis aí o mal, pois tal distância torna os eventuais ocupantes dos cargos públicos senhores absolutos e os leva a se julgarem donos da verdade. A pátria somos todos nós, todos os que, competentes, alegres, disponíveis prestam serviço nas mais diversas atividades.

Na grande orquestra social, cada qual executa sua partitura na magnífica sinfonia nacional. Nós todos é que somos o Brasil, todos juntos trabalhando para um país pacífico, sem discriminação, sem injustiças e desníveis sociais.

A todo instante, nosso país se torna aquilo que, todos juntos, uns com os outros, fazemo-lo parecer e tornar-se. Não é a vontade mágica dos pretendentes ao voto, em outubro próximo, que salvará a pátria, mas a colaboração de todos com os governantes. Eis por que tão importantes serão as eleições deste ano, pois quanto mais os eleitos se mostrarem dignos, tanto mais dedicação despertarão. Nada debilita tanto o civismo como a má conduta das autoridades.



José Geraldo Vidigal de Carvalho é professor no Seminário de Mariana, MG.



Namorar é preciso

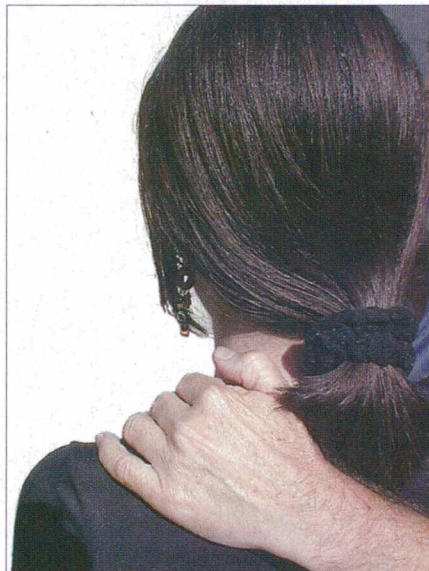
J. B. Libânio

Navegar é preciso, viver não é preciso", palavras de pórtico da obra de Fernando Pessoa, recordam uma frase gloriosa que os navegadores antigos repetiam. Comenta o poeta português, que viver não é necessário, necessário é criar.

Olhando para o título deste artigo, arrisco-me a inverter-lhe o sentido. "Casar é preciso, namorar não é preciso". Casar implica planejamento, possibilidades reais de realizar uma forma de amor. É preciso pensar muito antes. Supõe um esforço da nossa racionalidade. Assim é navegar. Sem bússola, sem conhecimento das calmarias ou das tempestades era arriscado meter-se mar a dentro. "Navegar é preciso" significa esse esforço da racionalidade, do espírito cartesiano, da lógica moderna de ser.

Quanto mais a sociedade avança e se complexifica, o matrimônio cresce em dificuldade. Já não basta o aprendizado feito com os pais. Os desafios no futuro serão bem diferentes. A tradição, por mais rica que seja, não garante luzes para o futuro incerto. Por isso, "casar é preciso" fazê-lo dentro de

Sem "namoro", enquanto forma de carinho e ternura, o amor humano resseca por causa da aridez do cotidiano. Nada o desgasta tanto como a rotina dos ritos, das palavras, dos gestos repetidos, já quase sem consciência e convicção. O namoro é o vigor que rejuvenesce todo amor, toda amizade.



um mínimo de racionalidade, previsibilidade, organização.

"Amar não é preciso", porque brota do mais fundo de nós mesmos. Nasce da espontaneidade, da liberdade, da criatividade, sem precisar do exercício da lógica racional. Assim "namorar não é preciso" no sentido de que não se programa namoro, não se funcionaliza essa relação, não se esquematizam seus passos, não se planejam seus ritos. Namorar não pertence ao mundo do comércio, do cálculo, mas da vida, da espontaneidade, da criatividade.


Já noutro sentido, "é preciso o namoro", ao nunca fechar-lhe o espaço, nem secar-lhe a seiva, nem esgotar-lhe as energias, nem esfriar-lhe o calor, nem enrijecer-lhe os meneios. Antes cabe alimentar-lhe durante toda a vida o vigor, a beleza, a transparência, a novidade, o encanto, mesmo quando os anos já pesam, a monotonia já ameaça, o ritualismo tende ao mecanicismo.

Tanto é válido dizer como os navegadores que "amar ou namorar não é preciso" porque não faz parte da arte de navegar carente de precisão, de previsão, de cálculo, quanto dizer que "namorar é preciso" já que faz parte de

outra arte que Ovídio chamou de *ars amatoria* — a arte de amar. É a arte da liberdade, da ternura, do carinho, da presença afetiva. Esta é necessária não só nos caminhos para o matrimônio como ao longo de toda a vida. Aliás, vale também, com expressões diferentes, para toda amizade. Se esta não é cultivada, como a rosa de que fala o escritor francês, Antoine de Saint-Exupéry, em seu *Pequeno Príncipe*, também estiola e morre.

Sem "namoro", enquanto forma de carinho e ternura, o amor humano resseca por causa da aridez do cotidiano. Nada o desgasta tanto como a rotina dos ritos, das palavras, dos gestos repetidos, já quase sem consciência e convicção. O namoro é o vigor que rejuvenesce todo amor, toda amizade.

Tememos dizer tal coisa porque freqüentemente deformamos a própria realidade do namoro que se mostra mais físico que psíquico, mais instintivo animal que humano racional, mais mudo que expresso, mais bronco que civilizado, mais rude que elaborado.

Quando, porém, o namoro assume as formas da fineza do amor, da transparência do carinho, do respeito das intimidades, da beleza da afetividade, da verdade e autenticidade de suas expressões, então, sim, alimenta tanto a vida matrimonial ao longo de suas décadas quanto as amizades. Neste caso, "namorar não é preciso" porque flui naturalmente de mina funda, enquanto casar sempre é preciso para equacionar a vida a dois ou a mais nas exigências da racionalidade do mundo de hoje. 

J. B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), Belo Horizonte, MG.

Os santos

Elias Leite

O mês de junho é um dos meses privilegiados no calendário agiológico (dos santos). Três santos se destacam: Antônio de Pádua, João Batista e o apóstolo Pedro. Grandes na expressão da vida e grandes na devoção do povo. Santos de Deus e santos dos homens.

O santo para a Igreja Católica, é, no sentido a que nos referimos, uma pessoa humana, homem ou mulher, que ligada a Cristo pelo batismo, propõe-se, com a graça do Espírito de Deus, viver nele e com ele, as Bem-aventuranças evangélicas, proclamadas no chamado "Sermão da Montanha" (cf. Mt 5, 1-2; Lc 6, 20-26) como projetos para todos mergulharem suas vidas na Palavra divina e dela usufruírem a verdadeira santidade, o sentido da vida.

O santo não é mito, não é mago, nem gnomo ou orixá. É ser humano, que teve uma escolha a fazer. E a fez.

A santidade não visa uma especialização. É busca espiritual de Deus. É vivência. Vejamos o que diz a *Lumen Gentium*, documento do Concílio Vaticano II (1962-1965): "O Senhor Jesus, mestre e modelo divino de toda a perfeição, pregou a todos e a cada um dos seus discípulos, de qualquer condição que fossem, a santidade, de que ele próprio é autor e consumidor: *Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste* (n. 39).

Os santos são, na realidade, irmãos nossos na fé, exemplos de vida cristã e nossos intercessores junto de Deus a quem glorificam. Tão somente. Assim os primeiros cristãos e a milenar Tradição da Igreja Católica sempre entenderam. O único mediador, porém, é Cristo Jesus. *Tudo o que pedirem ao*



Foto: arquivo

Pai, em meu nome, ele lhes concederá (Jo 16,23). A medianeira junto ao filho, é Maria. Leia o relato das Bodas em Caná (Jo 1-12).

O culto prestado aos santos de veneração, admiração, respeito, confiança fraterna ou devoção e gratidão. É também para aprendermos deles como amar a Deus e a todas as pessoas. São modelos para nosso viver.

As imagens dos santos, que veneramos, são referências piedosas, que ajudam a fixar nossa atenção. Uma imagem não contém um santo dentro dela. Tem a figura do santo. Nem sempre perfeita, mas que, de algum modo, liga-nos ao santo, nos compraz, como as fotografias dos entes queridos...

Veneramos os santos por suas virtudes. Respeitamos e guardamos suas imagens ou estampas, por aquilo que elas representam.

Não nos esqueçamos de que "san-

e o folclore

tos" não são só os declarados como tais pelo Papa, isto é, os canonizados. Estes são alguns escolhidos, para nossa edificação.

Diz João, no *Livro do Apocalipse*: *Vi uma multidão imensa que ninguém podia contar, gente de todas as nações, tribos, povos e línguas. Estavam de pé diante do trono e do Cordeiro (7,9). Dentre eles, podem estar, creiamos, nossos avós, pais, parentes e amigos, que amaram Cristo e viveram uma vida cristã.*

Antônio de Pádua

(13 de junho)

Batizado com o nome de Fernando. Mudou o nome para Antônio, quando ingressou na Ordem franciscana, após ter estudado com os cônegos de Santo Agostinho, desde os 15 anos. Encontrou-se com Francisco de Assis e se encantou com a vida que ele levava, na pobreza evangélica, pregando a Palavra. Tinha grande preparo literário, filosófico e teológico. Tornara-se exímio pregador do Evangelho. Combatia tenazmente as heresias de sua época, que não eram diferentes, na base, das de agora. Impressionava por sua santidade, amor aos pobres, à eucaristia, a Nossa Senhora. Pregou em Portugal, na França, na Itália, onde morreu, em 1231. Foi canonizado um ano depois de sua morte.

Folclore

Geralmente os santos populares correm esse risco. Santo Antônio ganhou lendas. Cercaram-no de devocionismos vazios: correntes de orações supersticiosas; fazer "cópias" da sola de suas sandálias (!); repetir um sem-número de trezenas; a fama de "casa-

menteiro"; o uso de sua imagem amarrada de cabeça para baixo, a fim de se conseguir graças "difíceis", etc. No Império, foi nomeado "capitão do exército brasileiro", com direito a soldo, em Salvador. E outras "devoções", para lá de folclóricas!

São João Batista

(24 de junho)

Dia convencional do seu nascimento. Era filho de Isabel e Zacarias. Parente de Jesus e seu profeta. Seus dados biográficos se encontram nos evangelhos, (cf. Mt 11,1-15; Lc 7,18-35) ditados pelo próprio Cristo. Foi João o maior dos profetas e traço de união entre o Antigo Testamento e o Novo. Grande personalidade. Austero. Verdadeiro. Fiel à missão até o martírio. É o único santo cujos nascimento e morte são celebrados pela Liturgia da Igreja. Teve o privilégio singular de batizar o próprio Jesus e anunciá-lo como "o Cordeiro de Deus", Salvador!



Pintura: Hans Memling, João Batista, 1435-40

Folclore

Festa de São João. É a mais popular das festas juninas. Teve origem, dizem, com o nascimento de João IV, rei de Portugal, 1604, da dinastia de Bragança, recebido pelo povo com grandes festas, com fogueiras acesas por várias noites, repetindo-se os festejos a cada aniversário do rei. Tais festas foram trazidas para o Brasil-colônia. Com o tempo, o aniversário do rei foi esquecido. Os festejos ao santo do dia, continuaram tomando feições aqui da terra e de seu povo. Existem outras versões. Mas a festa caipira pegou.

Conforme as regiões, vai recebendo conotações diferentes, o estilo, porém, é igual. Os costumes também. As fogueiras, os balões [hoje proibidos], a variedade dos fogos, comidas típicas, os "pedidos" ao santo, passar descalço sobre brasas, "lavar" o santo (imagem) no rio, ver a sorte na bacia com água, à meia-noite, etc. A parte relacionada com água tem a ver com os batismos realizados por João, no rio Jordão.

As festas juninas, ricas no folclore e na religiosidade popular, são ainda as mais bonitas tradições alegres da alma brasileira.

São Pedro

(29 de junho)

Simão Pedro é o nome desse querido apóstolo nos evangelhos. Simão, filho de Jonas. Pedro (= Kefas) pedra, como o denominou Cristo, ao declará-lo o primeiro chefe espiritual da sua incipiente Igreja (cf. Mt 10,1-14; Lc 6,2; Jo 15,19). Homem simples, pescador profissional, espontâneo em suas inter-
(Continua na p. 14) >>>>

Pedir sabedoria

Pe. Zezinho

Jesus alertou e repetiu o alerta: *cuidado com os falsos profetas*. (Mt 7,15). Pareceriam mansas ovelhinhas, mas seriam lobos a comer o prato da fé pela beirada. Teriam tanto poder de enganar que até falsos milagres eles realizariam para enganar o povo em nome de Deus. Nada os deteria em busca de adeptos: poder, dinheiro, as mesuras e honrarias, poder político, adoração e vêm com a postura de santos e profetas do Altíssimo. Jesus diz que até gente santa, os eleitos, cairiam na conversa deles, — e Jesus acrescenta — se é que um verdadeiro eleito se deixa enganar por essas coisas.

Perguntem aos exegetas. É este o teor daquela pregação de Jesus. Estava alertando para seus seguidores que tomassem cuidado com quem se aposa da doutrina e da fé do povo e o leva para aventuras espirituais perigosas. Paulo teve que enfrentar isso várias vezes. Pedro é duro ao falar dessa gente. Deram enorme trabalho aos Apóstolos. É só ler os *Atos* e as *Cartas* para ver que o problema dos falsos profetas e falsos milagreiros e santos não é novo.

As Igrejas todas estão precisando de mais doutrina, consoante o que Pau-

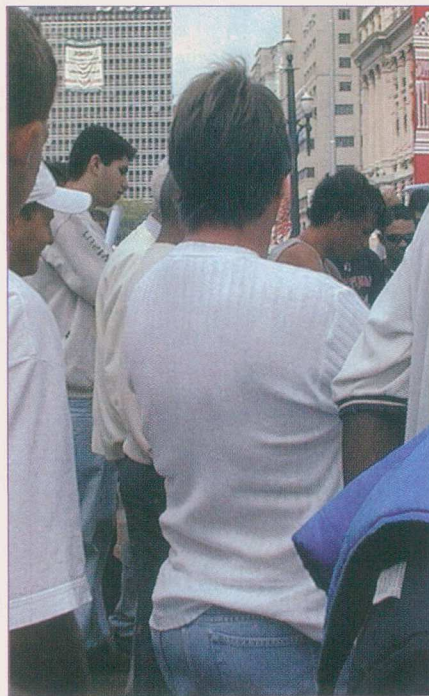



Foto: Eduardo Russo

lo pede a Timóteo, cuja fé é sincera, mas ele, Timóteo, deve guardar bem a doutrina que aprendeu. Morte e ressurreição, proibição de alimentos, anúncios de castigo e fim de mundo (cf. 2Tm 1,5.13-14-3,8). Cuidado com gente que gostará muito de si mesma, de dinheiro, gente que se gabará de seus poderes, orgulhosos, abusivos e irreverentes, ingratos, sem amor e sem misericórdia, incapazes de perdoar

quem não aderisse a eles. Teriam aparência de gente santa, mas negariam o poder de Deus. Envolveriam as pessoas simples e carentes. Paulo diz que estão sempre aprendendo sem assimilar coisa alguma (cf. 2Tm 3,1-9). De resto, Jesus já tinha condenado tais pregadores que fingiam orar em casas de viúvas ricas, mas queriam mesmo eram os bens delas (cf. Mc 12,40) a pretexto de prolongadas vigílias e orações. Jesus diz que para tais falsos profetas o castigo seria muito maior.

Estes são tempos que exigem muito discernimento e muita sabedoria. Há verdadeiros e falsos pregadores e profetas entre nós. Sem a graça da sabedoria, correremos atrás de santos e profetas que parecem santos, mas não são. Enganam muitas pessoas com seu jeito de gente santa e piedosa. Segundo Jesus, todo o cuidado é pouco diante dessa gente. Os verdadeiros seguidores de Jesus não se deixam enganar por esses discursos ou gestos piedosos. Exigem conteúdo que não deturpe nem a *Bíblia* nem os ensinamentos da Igreja. O resto é mentira. 

Pe. Zezinho é escritor, compositor, cantor e conferencista.


>>>> (Continuação da p. 13).

venções, sincero e humilde, retrato humano em suas fraquezas, figura de santo em suas conversões. Correspondeu com fidelidade, até à morte, ao voto de confiança que lhe dera o Mestre divino. Seus traços biográficos ilustram de simpatia as páginas dos quatro evangelhos, e de zeloso trabalho o *Livro dos Atos dos Apóstolos* e suas duas cartas apostólicas. É o maior santo do povo.

Folclore

Por ser do povo cristão, recebeu dele manifestações de carinho e ingênua confiança. Entre nós, de norte a sul, é festejado com as novenas e ritos populares semelhantes às festas de São João. Porém, com suas peculiaridades.

É considerado patrono dos viúvos, por ter sido chamado por Cristo, que lhe curou a sogra, e não constar nos

escritos sagrados nenhuma referência a sua esposa. Há uma certa tradição de sua viuvez. Mas, o seu folclore está nas expressões populares de ser "o chuveiro do céu", "o responsável pelas chuvas", e outras estórias. Tudo pode ser muito saudável, conquanto que não se confundam os valores da fé e se saiba venerar com respeito e amor, nossos irmãos — os santos! 

Elias Leite é missionário claretiano, escritor e poeta.

Maria na Bíblia

LUCAS, O PINTOR DE MARIA (Continuação)

Geraldo Araújo de Lima

Nossa Senhora tornou-se o instrumento de piedade popular mais difundido entre os cristãos católicos. Desse modo, vêm-se publicando, desde agosto de 2001, textos com fundamentos bíblicos relacionados com o tema.



O retrato pintado

Uma insistente tradição faz remontar as primeiras representações plásticas de Maria aos tempos em que ela ainda estava viva na terra. Seriam retratos pintados por Lucas, o qual, além de médico e evangelista, seria também pintor. Ainda hoje, existem 34 ícones de Maria atribuídos a Lucas, espalhados pela Síria, Egito, Rússia, Grécia, Polônia e Roma.

Segundo as supostas telas de Lucas, "Maria tinha cabelos castanhos, olhos vivos, a pupila um pouco esverdeada, as sobrancelhas um pouco arqueadas e

pretas, o nariz um pouco alongado, os lábios vermelhos e cheios de suavidade no falar, o rosto nem redondo nem comprido, mas levemente oval, as mãos e os dedos finos e longos" *Dicionário de Mariologia*, Paulus, 1995, p.5. Embora insistente, tal tradição não é consistente. Os documentos mais antigos que possuímos, falando de Lucas como pintor, remontam apenas ao século VI d.C. Antes daquela data, não existe qualquer documentação autêntica.

O retrato falado

Lucas, efetivamente, pintou o retrato de Maria; porém, um retrato falado. Como Paulo, pintou um retrato de Jesus para os gálatas: *O gálatas insensatos, quem vos fascinou, a vós ante cujos olhos foi desenhada a imagem de Jesus Cristo crucificado* (Gl 3,1)?

Analisando os textos de Lucas, podemos facilmente obter o seguinte retrato falado de Maria:

- ela é uma jovem virgem que conhece a excelência da virgindade, embora seja desposada com um jovem justo da tribo de Judá (Lc 1,27);

- é serena até nas mais íntimas profundezas do seu espírito: conversa naturalmente com o anjo, sem que o fato de poder ser a mãe do Messias produza nela a mais leve perturbação;

- obedece a Deus e dá crédito à sua palavra, entregando-se inteiramente à missão que lhe é proposta (Lc 1,38);

- é cheia de alegria e sabe alegrar-se com os que estão alegres: a primeira coisa que a vemos fazer, após a anunciação,

é congratular-se com sua prima Isabel;

- é portadora do Espírito Santo, comunicando-o a Isabel e ao filho que esta ainda traz no ventre (Lc 1,41);

- é inteligente e cheia de sabedoria bíblica, penetrando na trama divina que rege a história do seu povo: *Deus derruba os poderosos de seus tronos e eleva os humildes* (Lc 1,52);



Ilustrações: arquivo

- é detentora de uma humildade realista, fundada inteiramente na verdade, que a leva a enxergar as coisas como estas realmente são: *Doravante todas as gerações me chamarão bem-aventurada, pois o Todo-poderoso fez em mim grandes coisas* (Lc 1,48-49);

- é uma criatura "cheia de graça", vivendo em permanente união mística com Deus: *Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!... Encontrei graça junto de Deus* (Lc 1,28-30);

- é reflexiva: procura captar o sentido das pessoas e dos acontecimentos, *meditando-os em seu coração* (Lc 2,19);

- é uma fiel cumpridora da Lei: no tempo prescrito, vai ao Templo para a

própria purificação e para a apresentação do seu Filho;

- assume com naturalidade a pobreza em que vive: para o resgate do seu Primogênito, oferece o sacrifício dos pobres mais pobres: um par de rolinhas ou dois pombinhos (Lc 2,24);

- com igual naturalidade, assume também a vocação para o sofrimento redentor: uma espada de dor traspasar-lhe-á o coração (Lc 2,35);

- sabe mandar e é obedecida: *Jesus desceu com eles para Nazaré e lhes era submisso* (Lc 2,51);

- possui um coração, ao mesmo tempo, sensível e firme: quando o Filho de 12 anos se perde em Jerusalém. Ela sofre, mas conserva aquele equilíbrio que lhe permite agir eficazmente; possui uma psicologia femininamente vivaz: naquelas dolorosas circunstâncias, apressa-se em falar em nome do esposo e interpela com energia o Filho que havia ficado no Templo (Lc 2,48);

- contudo, sabe calar e refletir diante da sua resposta desconcertante, embora sem captar-lhe inteiramente o seu misterioso significado (Lc 2,50-51).

Com esta última observação, Lucas — o pintor — achou que havia dado o retoque final no quadro e que o retrato da mãe de Deus e nossa estava completo. Por isso, a partir daí, Maria desaparece da cena em seu evangelho. Permanecerá nos bastidores como o retrato vivo do verdadeiro discípulo: *Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática* (Lc 8,21)!

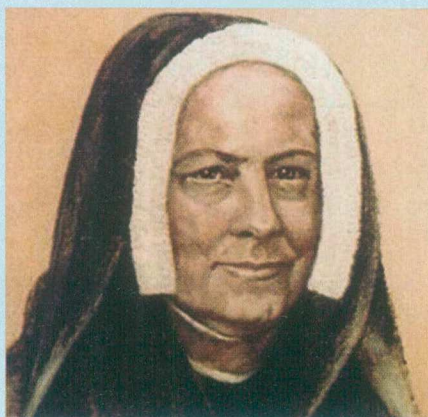
Nem Rafael nem Murillo foram tão fiéis, objetivos e completos nos seus respectivos retratos de Maria!



Geraldo Araújo Lima é sacerdote, mestre em Teologia Bíblica; Convento do Carmo, Recife, PE.

Paula Frassinetti e a ação doroteana no Recife

Francisco Gomes de Matos



Meus pais, de origem cearense, radicaram-se no Recife, PE. Assim, minha irmã Terezinha e eu fizemos nossa educação secundária na capital pernambucana, em dois colégios católicos, respectivamente o Colégio de São José (fundado pelas Dorotéias) e o Colégio Marista. Por ter sido aluna-interna, minha irmã conviveu mais com as discípulas de Santa Paula Frassinetti do que este articulista. Só muito tempo depois, quando se iniciava minha carreira de professor universitário, fui atraído por uma instituição doroteana: a então Faculdade de Filosofia do Recife, hoje Faculdade Frassinetti, na qual continuo a ensinar, graças à carinhosa acolhida de sua diretora, particularmente das Irmãs Maria Therezinha de Lima (diretora) e Maria do Perpétuo Socorro Bogéa Nogueira (vice-diretora) e ao apoio da Professora Maria Lúcia Ribeiro de Oliveira (coordenadora do Curso de Especialização em Linguística Aplicada).

Ideário educacional católico e Paula Frassinetti

Na história das idéias e ações católicas relevantes na área da educação, um lugar destacado está reservado àquela que soube viver e comunicar a Pedagogia do Evangelho num contínuo doar-se, dos 9 anos (órfã, colocase sob a proteção da Virgem Maria) aos 73 anos (11 de junho: dia de Santa Paula). Como iniciar-se no estudo do ideário frassinetino? Por orientação das Dorotéias da Faculdade Frassinetti de Recife, FAFIRE, li a inspiradora publicação *Raízes da Nossa Missão Educativa. Paula Ontem Paula Hoje*. Editora La Salle, Canoas, RS, 29/09/2000, de co-autoria da Comissão Interprovincial de Educação, composta pelas Irmãs Cecília Francischini, Maria Lúcia Câmara de Sousa e Maria Therezinha de Lima. O documento (76 p.) resultou de estudo e reflexão em resposta ao desafio de redescobrir-se as raízes da missão educativa doroteana, à luz do ideal frassinetino. Impossível, num artigo, comentar as duas partes (I – Síntese do Estudo; 2 – Questões e Interpelações) e as 17 Referências Bibliográficas. Em vez disso, exerço meu direito de explicitar, concisamente, alguns dos trechos que contribuíram para minha compreensão inicial do pensamento pedagógico de Santa Paula: 3 valores fundamentais: a Caridade, a Obediência e a Simplicidade (p. 17). "Santa Paula: mulher

disponível para Deus... autêntica e forte, evangelizadora, educadora pela "via do coração e do amor", fiel discípula de Cristo" (p.12-16)

O documento *Educar para Nós*, reafirma o compromisso doroteano da formação integral da pessoa (p.28). No contexto desafiante atual, é preciso construir com base no carisma frassinético: nova ótica e nova ética, priorizando crianças, jovens e excluídos nas ações educativas (p.31). O(a) educador(a) doroteano(a) segue Jesus Cristo na sua tarefa de construir o reino de Deus a partir do seu engajamento nas realidades do mundo (p.36). Como pesquisador de Direitos Humanos Linguísticos, este articulista ficou muito fe-




liz ao encontrar um seção dedicada ao saber silenciar para saber ouvir (p. 37-38). Impressionaram-me profundamente os requisitos a serem atendidos, no que concerne ao "comprometimento com as intuições pedagógicas de Santa Paula". Exemplifico: "desenvolver mentalidade de preservação e conservação da vida e do meio ambiente" e "respeitar as diferenças e estimular as potencialidades de cada pessoa" (p. 54). Outra experiência gratificante, como leitor: encontrar referências à paz. Assim, numa lista de perguntas-chave provocadoras, encontrei: "Como contribuir para a construção de um mun-

do mais pacífico e mais humano?" (p. 56).

Educadores católicos e mudanças curriculares

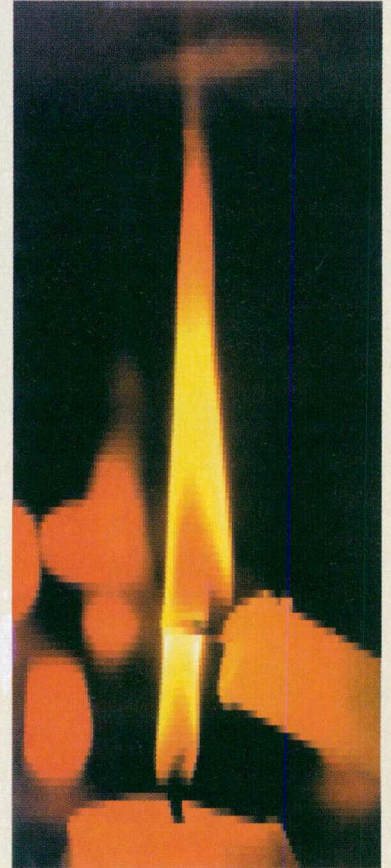
A seção final do documento *Raízes* apresenta oito perguntas-chave que podem nortear um aprofundamento evangélico realista das atuais orientações curriculares. Destaco estas indagações: "A sociedade é marcada pelo pluralismo cultural e religioso. Como levar nossa mensagem aos alunos que professam outros credos? O ecumenismo já constitui uma prática nas nossas atividades religiosas?" (p.73). Na lista de seis diretrizes para revisão curricular, encontro a sábia ponderação de que "os conteúdos formais devem-se revestir de caráter humanizante..." (p.75). Em suma, o espírito frassinético está bem vivo através das palavras e das ações das doroteias. Aos que desejarem conhecer mais sobre a Faculdade Frassinetti de Recife, sugiro a leitura do livreto *FAFIRE - 60 Anos Educando*. (www.fafire.br; fax: (81) 3423-3066). Na ação educativa doroteana, tradição e modernidade estão es-

piritualmente integradas, em busca "da tão sonhada sociedade da Justiça e da Paz", como afirma a diretora da instituição, no bem informativo e motivador *Manual do Candidato FAFIRE*.

Muito mais poderia ter dito, mas esse privilégio pode ser compartilhado mais intensamente. Assim, convido os leitores a conhecerem a obra de Santa Paula e de seus continuadores. 

Francisco Gomes de Matos é professor e pesquisador do Departamento de Letras, em Direitos Linguísticos, da Univ. Federal de Pernambuco, Membro da Comissão de Direitos Humanos. CAC, UFPE, Recife. fgm@cashnet.com.br
Autor do livro: *Comunicar para o Bem - Rumo à paz comunicativa, Editora Ave Maria.*

JESUS É LUZ E SALVAÇÃO! CHEGA DE ESCURIDÃO.



**Se deseja ser um claretiano,
escreva para os endereços
abaixo:**

Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul
Centro Claretiano de Formação Missionária
"Padre Clotet"

Pe. Gilson F. da Silva

Cx. Postal, 412 CEP 85501-970 Pato Branco, PR
Tel. (0_46) 224-2129 clotet@witeduck.com.br

Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás e Distrito Federal

Pe. Márcio Silva Souza

Secretariado Vocacional Claretiano

Cx. Postal, 1438 CEP 30160-01 Belo Horizonte, MG

Tel. (0_31) 222-3154 curiabc@digitus.com.br

São Paulo, Mato Grosso, Nordeste e outras regiões

Pe. Maurício Ribeiro

Secretariado Vocacional Claretiano

Cx. Postal, 3802, CEP 13066-640 Campinas, SP

Tel. (0_11) 9978-3893

pemaucio@asseta.com.br

promovocacional@claretianos.com.br

www.claretianos.com.br

Mãe da Divina Providência



Roque Vicente Beraldi

mãozinha do Menino Jesus, sem halo, significando a humanidade pecadora. Um arquiteto que dirigia as obras de embelezamento da cidade de Roma, por ordem do papa Alexandre VII, em 1677, ofertou essa pintura aos barnabitas, para substituir um afresco que se quebrara ao ser transportado para um outro lugar. Se foi uma lástima quebrar-se a primeira imagem de Maria, por outro lado, o fato proporcionou o encontro de outra bela pintura da Mãe da Divina Providência.

Santo Antônio Maria Zacaria, preocupado com a renovação da vida cristã do povo, em 1530, fundou uma congregação religiosa de sacerdotes, Clérigos Regulares de São Paulo. Seus colegas co-fundadores foram Bartolomeu Ferrari e Tiago Morígia, cuja espiritualidade baseia-se em São Paulo, e cultuam Maria sob título de Nossa Senhora Mãe da Divina Providência.

Os primeiros religiosos, na cidade de Milão, Itália, construíram um oratório junto à igreja dedicada a São Paulo e seu auxiliar, São Barnabé. Os fiéis que a freqüentavam foram chamados de 'barnabitas'.

Cem anos mais tarde, o povo tomou conhecimento daquele fato porque o padre Pietro Maffetti, sacerdote da Congregação, revendo os arquivos da irmandade, deparou com essa característica, considerando-a maravilhosa. Por meio do irmão barnabita, Pietro Valentini, providenciou uma cópia da pintura e a pôs à veneração pública.

A pintura de Scipione Pulzone de Gaeta, medindo 54 x 42 cm, representa Nossa Senhora usando na cabeça um véu fino e transparente. Segura a

Baseados nesses acontecimentos, os padres barnabitas se propuseram divulgar a devoção a Nossa Senhora Mãe da Divina Providência por todo o mundo. Essa devoção muito aceita, foi elevada a confraria e aprovada pelo papa Bento XIV, em 25 de setembro de 1744, e a arquiconfraria, no dia 16 de julho de 1839 pelo papa Gregório XVI.

No Brasil, os padres barnabitas chegaram e deram início à essa devoção de confiança, em 1903. Existe um município homenageando esse título da virgem, denominado "Providência", localizado na diocese de Leopoldina.

Oração

**Ó Deus, que destes o Espírito Santo aos Apóstolos quando perseveraram em oração com Maria, a mãe de Jesus, concedei-nos por sua intercessão e providência, que não nos faltem os meios materiais e espirituais para bem vos servir e irradiar a glória do vosso nome em palavras e exemplos.
Por Cristo, Senhor nosso, Amém.**

Nota: Informações prestadas pelo Pe. João Parreira, Lgo. São Rafael, s/n. Mooca - São Paulo, SP.

Pe. Roque Vicente Beraldi é missionário claretiano.

Agostinianos Recoletos

Fundados em 1588

**Nosso Carisma:
Vida de oração em
comunidade
fraterna, a serviço
da Igreja.**



**Se quiser nos conhecer,
escreva para:**

Seminário Santo Agostinho

Rua Adalgisa Lima, 404
Cerqueira Lima
35680-369 - Itaúna - MG
oar-itauna@nwnet.com.br

Seminário N. S. Aparecida

Av. Distrito Federal, 1285
Caixa Postal 20
14400-970 - Franca - SP
e-mail: capelinha@netsite.com.br

Seminário Santa Mônica

Rua Brentano, 438
Vila Hamburguesa
05302-041 - São Paulo - SP
Email:
teologado@uol.com.br

Visite nosso site:

www.

agostinianosrecoletos.com.br
www.santarita.oar.org.br

Clotilde

3 DE JUNHO
(475-545)

Os séculos V e VI foram marcantes para a história política e eclesial da França e do Ocidente.

Nesse período, a Europa passou por uma fase de transição e de mudanças.

No ano 476, com a queda do Império Romano do Ocidente, a Igreja foi assumindo grande liderança pastoral e política, que teve seu auge na Idade Média.

Os povos germânicos e eslavos foram-se aproximando e invadindo o vasto território do antigo império romano e iniciando um período de integração entre a cultura germânico-eslava e a romana. As regiões começaram a se organizar com lideranças políticas locais e, pouco a pouco, foram-se compondo as nações européias. Diversos povos, integrados ao antigo império romano, eram pagãos ou conheciam formas heréticas do Cristianismo, em especial, o Arianismo.

Naquele período, houve grande atividade missionária com muitas conversões ao Cristianismo, destacando-se a do reino franco, já que aquele povo se tornou, na Idade Média, a grande potência da Europa. Conquistou outros povos situados atualmente na França, Alemanha, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, etc. Juntamente com ele, deu-se a expansão do Cristianismo porque, com a conversão do rei, toda a nobreza e o povo o acompanhariam. Na França, isso aconteceu ao rei Clodoveu, ou Clóvis, esposo de Santa Clotilde.

Clotilde nasceu, em 475, um ano antes da queda do Império Romano do Ocidente, filha de um rei que professava o Arianismo, heresia cristã que abalou o Cristianismo no século IV.



Ilustrações: arquivo

Após a morte de seus pais, foi educada por Caratena, sua tia, que era cristã. Foi dada como esposa a Clodoveu, rei dos francos e grande foi a sua missão na conversão de seu marido, já que, além de sua grande beleza física, era de grande beleza espiritual. O rei era um chefe militar muito rude e não tinha boa formação e nesse mesmo espírito educou os cinco filhos que teve com Clotilde. Com a desintegração e descentralização do poder imperial romano, houve o fortalecimento das lideranças locais nos reinos europeus e Clodoveu conseguiu se impor aos povos vizinhos, formando a base do que seria futuramente o grande reino franco. Nas vésperas de uma grande batalha, diante do testemunho de vida cristã de Clotilde, prometeu a ela se converter ao Cristianismo se vencesse com a ajuda do Deus dos cristãos. No ano de 496, após vencer a importante batalha de Tolbiac, com todos os seus guerreiros e nobres, foi batizado por São Remígio, na catedral de Reims.

Com isso, o Cristianismo passou a ser a religião do reino e dos povos, conquistados pelos francos.

A aliança entre os francos e o Cristianismo fez com que surgisse um grande povo que, séculos depois, deu origem ao restaurado Império Romano, chamado 'Sagrado Império Romano-Germânico', cujo apogeu se deu durante a Idade Média.

O testemunho cristão de Clotilde levou o rei a se converter. Ela sofreu muito ao ver seu marido e filhos cometerem erros e violências por causa das disputas pelo reino e por tantas guerras ocorridas naquele período. Após a morte de seu marido e de seus filhos dedicou a vida aos trabalhos de caridade, oração, construção de igrejas e mosteiros. Foi muito venerada por seu povo e, ao morrer, já tinha fama de santidade.

Em nossos dias, existem muitas mulheres santas e virtuosas. Porém, no mundo da mídia, principalmente na televisão, percebe-se uma carência de mulheres que sejam modelo de retidão, de integridade moral, de vida, de caridade, solidariedade, etc. Valoriza-se a mulher somente pelos seus atributos físicos e não pela beleza espiritual.

Clotilde é modelo de mulher que:

- converte-se ao Deus verdadeiro e vive com santidade sua fé;
- no ambiente difícil da corte e da riqueza, deu testemunho de simplicidade, humildade e dedicação a Deus;
- sendo rainha, não se corrompeu e viveu as virtudes da caridade, bom senso, equilíbrio e autenticidade;
- provocou conversões e promoveu a fé cristã com palavras e o exemplo de suas obras.



Romualdo

19 DE JUNHO
(951-1027)

Nos séculos X e XI, viveu um dos grandes reformadores monásticos do Cristianismo: Romualdo. A Igreja e a sociedade ocidental passavam por grande crise, conhecida como 'século de ferro', pelas ações infrutíferas e erradas, imoralidades e pecados de nobres e eclesiásticos.

A Igreja estava organizada sob o modelo da estrutura feudal e sofria muito com a interferência dos nobres e poderosos na sua organização interna. Era comum a praga da simonia clerical, isto é, o abuso de vender e comprar títulos, funções e cargos eclesiásticos, assim como acontecia nas investidas feudais. Aquele abuso, praticamente imoral, colocava a hierarquia eclesiástica sob o controle e arbítrio dos ricos e poderosos.

Assim, vários males da Igreja daquele período eram provocados pela 'investidura leiga', costume de se designar leigos para ocupar cargos eclesiásticos. Isso provocava o aumento da corrupção, imoralidade, desprezo para com a disciplina e celibato, pouco espírito de pobreza, etc.

Um dos setores que mais sofreu com isto foi a vida monástica. No século X, teve início a 'reforma de Cluny', a partir de alguns mosteiros da França e que se expandiu por vários países. Foi a base da grande reforma eclesial que aconteceu a partir da metade do século XI, com os papas Clemente II, Leão IX, Nicolau II, Alexandre II e Gregório VII.

Contemporaneamente, surgiram novas ordens monásticas que promoveram grande renovação e insistiram na vida de pobreza, no celibato, na clausura e no fim das imoralidades.

Esse movimento de reforma culminou com período do 'apogeu do papado, quando os papas se tornaram os maiores líderes da vida eclesial e política da Europa. Foi nesse contexto que viveu São Romualdo, abade. Nasceu em Ravena, Itália, de família nobre, os duques de Onesti.

Teve uma juventude parecida com a de muitos jovens nobres de seu tempo, cheia de futilidades, ambições e pobreza espiritual. Entrou em profunda crise quando seu pai, em um duelo,



matou um seu amigo. Retirou-se para um período de penitência e optou por entrar num mosteiro beneditino. Decidiu levar vida de eremita, dedicando-se à vida monástica, voltada para a oração, contemplação e ascese.

Passou por vários mosteiros pregando e testemunhando a reforma e com isso encontrou muita resistência por parte dos monges relaxados, sofrendo ameaças de morte.

Seu testemunho de vida e seriedade, porém, atraiu muitos discípulos. Fundou a Ordem de Camaldoli, uma das ordens reformadas no verdadeiro espírito do monacato e do eremitismo cristão, insistindo muito no silêncio, oração, penitência e trabalho.

Teve apoio de vários papas e, também, de diversos nobres e sua ordem pôde-se desenvolver, participando do processo de renovação eclesial e ajudando, inclusive, em atividades missionárias em vários países.

O mundo contemporâneo é marcado por profunda crise de valores culturais, religiosos, morais e sociais. É neste contexto que precisam surgir homens e mulheres que sejam modelos e referenciais de vida digna, íntegra e voltada para os valores espirituais que promovam uma vida plena para toda a humanidade. Neste sentido, São Romualdo é modelo de:

- homem que passa por um processo de conversão e rompe com uma vida dissoluta e fútil optando pela vida de união com Deus;
- cristão que encontra no silêncio e na penitência o caminho para um correto discernimento;
- monge que assume com seriedade e firmeza todos os compromissos do seguimento a Jesus Cristo;
- reformador que não tem medo de correr riscos e não se intimida com aqueles que são contrários aos desígnios de Deus;
- homem da caridade, compaixão e serviço ao próximo.

Século XXI, desafio para a Igreja

(Continuação)

Ronaldo Mazula

Na edição de maio, encerrou-se o estudo de estratégias da nova evangelização e iniciou-se o exame estatístico recente da Igreja Católica. Nesta edição, continua-se este tema.



SITUAÇÃO DOS CONTINENTES

É evidente que a situação nas áreas geográficas é diversificada. Quem mais sofreu perdas vocacionais foi o mundo ocidental e os africanos. Na América Latina e na Ásia, há uma retomada.

África

Houve aumento vocacional de 1979 a 1992. Cresceu o número dos sacerdotes diocesanos (de 5.507 para 10.903), dos seminaristas maiores (5.636 — 14.649), dos seminaristas menores (26.382 — 41.478), dos irmãos (5.248 — 6.073) e das religiosas (35.473 —

43.976). Em 1992, a África contava com 535 seminários diocesanos e 266 religiosos; 259 seminários maiores diocesanos e 177 religiosos.

América do Norte

Houve diminuição numérica de 1979 a 1992: -2.465 sacerdotes diocesanos e -3.802 sacerdotes religiosos. O número de seminaristas menores diocesanos e religiosos foi quase zerado; o dos seminaristas maiores diminuiu em 3.489; o dos religiosos irmãos caiu em 3.946; e as religiosas foram 40.698 a menos.

América Latina

Nos 22 países da América Latina, aumentou o número dos sacerdotes (+6.107) e seminaristas diocesanos e religiosos (+12.880), mas não o de menores (-10.160). Cresceu o número de religiosas (+2.124) mas não o dos religiosos irmãos (-946).

Ásia

As jovens igrejas da Ásia registraram, como na África e América Latina, aumentos generalizados: +6.783 sacerdotes diocesanos, +1.980 sacerdotes religiosos; aumentou o número dos seminaristas menores (+6.235) e dos maiores diocesanos e religiosos (+11.527); permaneceu estável o número de irmãos (6.703) e religiosas (85.235).

Europa


Junto com a América do Norte, a



Fotos: L'Osservatore Romano

Europa foi o continente que sofreu mais com a crise das vocações consagradas: -15.615 sacerdotes diocesanos e -7.002 sacerdotes religiosos, -26.206 seminaristas menores, -8.256 irmãos e -103.904 religiosas. Consola o crescimento dos seminaristas maiores diocesanos (de 15.661 para 20.156) e religiosos (22.902 — 29.968). Note-se ainda que na Europa se localizaram os 51% das religiosas [442.125 sobre 875.332; 60% dos sacerdotes diocesanos (155.670)]; 47% dos sacerdotes religiosos (68.629) e dos irmãos (28.091) de todo o mundo.

Oceania

Os números são reduzidos: sacerdotes: diocesanos (2.792) e religiosos (2.525); irmãos (2.462); religiosas (17.192), em 1979, para 13.349 em 1992. 

(Continua no próximo número)

Ronaldo Mazula é missionário claretiano e professor de História da Igreja.



Diálogos internos: com quem conversamos?

(Continuação)

Wimer Botura, jr

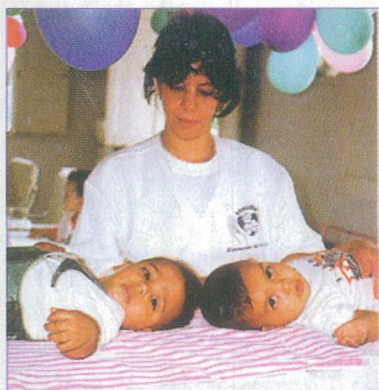
Para admitirmos os erros e nos transformarmos, é necessário que estejamos dispostos a aceitar características muito criticadas no ser humano, como a existência de raiva, ciúme, inveja, ambição, sexualidade, erotismo, inclusive relacionado ao pai e à mãe. Aceitar não quer dizer realizar, nem perder o controle, mas estar pronto para perceber que, antes de sermos humanos, somos animais e que, embora chamados de *Homo sapiens*, pouco sabemos.

Antes de tentar transformar, precisamos saber conhecer e nos conhecer. As primeiras impressões sobre nossa humanidade, nossa animalidade, não justificam qualquer atitude transformadora, pelo menos na atualidade. A gravidade maior não está em sermos o que realmente somos e sim na tentativa de esconder e disfarçar aquilo que aprendemos a temer em nós.

Sobrarão pouquíssimas transformações a serem feitas em cada um de nós, se conhecermos e aceitarmos nossas características. Na verdade, o que torna estas características piores são suas defesas indevidas. O ser humano não é mau porque tem ciúme, inveja, ambição, desejos, sexo. Fica mau porque é revoltado, contido, e não acredita que possa conseguir os objetos de seu desejo. Pena que não se percebam.

Existem várias formas de um diálogo interno manifestar-se, por exemplo, através de movimentos, assobios, alterações da respiração, da temperatura corporal, risos, olhares, alterações de voz, esquecimentos ou lembranças, assim como através dos sonhos. Muitas vezes, por não aceitarmos nossos

diálogos internos, começamos a praticar agressões silenciosas, sempre no sentido de nos defendermos: ao lutar-mos contra nossos diálogos internos acusatórios, agredimos o outro sem consciência disto.



Fotos: Eduardo Russo

Se a pessoa com quem nos relacionamos for sensível e souber fazer a leitura correta de sua sensibilidade, poderá nos contestar, e, em função do grau de autoconhecimento e auto-aceitação, poderemos resolver o problema ou não. Infelizmente, a maioria das pessoas não está conseguindo sequer notá-lo.

Esta relação fica mais complexa quando se envolve uma criança, pois poderá estar se desenvolvendo nela uma sensação de inadequação. Com auto-imagem ruim e auto-estima baixa, poderá até se sentir louca, por se

perceber diferente das pessoas que compõem seu universo. Vejam que a loucura não é de quem percebe a situação e a conseqüente insatisfação, e sim de quem não percebe ou nega a percepção de si e do outro. Por não ter adquirido ainda a capacidade plena de verbalização, e muito menos a de compreender a sua percepção, a criança pode sofrer duras conseqüências. Foi assim com os nossos antepassados, foi assim com os nossos pais, está sendo assim conosco e com os nossos filhos.

Uma criança, por exemplo, ao perceber através de sua sensibilidade aguçada que alguma coisa não vai bem com a mãe, ou com o pai, ou com os dois, ou com a relação, mostra, de alguma forma, seu incômodo. Os pais,

não entendendo a linguagem da criança, negam qualquer tipo de dificuldade ou conflito, dão desculpas esfarrapadas, e ainda se mostram como se estivessem certos. Para esta criança, seus pais são suas referências e estão cor-



retos a princípio. A diferença entre o que ela percebe e o que os pais admitem faz com que a criança passe a sentir uma sensação de inadequação, como se o erro fosse dela. Logo, poderá criar uma crença de que é inferior, errada de alguma forma. (Continua.)

Wimer Botura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro: *A paternidade faz a diferença*, Ed. Gente.

ENTRADA

Ingredientes

- 3 beterrabas pequenas
- 1 colher/chá de açúcar
- 1 colher/café de sal
- 3 cravos-da-índia. Pimenta do reino, ramos de salsa, picados
- 3 colheres/sopa de azeite

SALADA DE BETERRABA

Modo de preparar

1. Lave as beterrabas e corte os talos. Cozinhe-as inteiras, até ficarem macias.
2. Desligue o fogo e deixe que as beterrabas esfriem completamente dentro da própria panela. Passe a água do cozimento para uma tigela.
3. Remova a casca com os dedos e corte as beterrabas em rodela. Espalhe-as em uma saladeira e pulverize o açúcar sobre elas.
4. Junte ao caldo do cozimento, o sal, os cravos-da-índia, a pimenta e a salsa picada. Junte finalmente o azeite, mexa bem e despeje sobre as rodela de beterraba.
5. Deixe tomar gosto durante, aproximadamente, $\frac{1}{2}$ hora antes de servir.

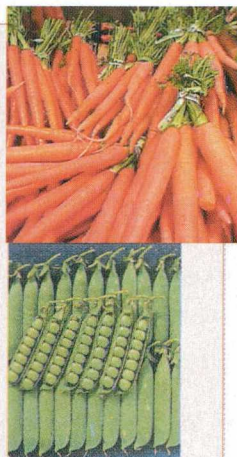
PRATO PRINCIPAL LEGUMES GRATINADOS

Ingredientes

- 100 g de vagem macarrão
- 2 cenouras médias
- 250 g de ervilhas frescas
- $\frac{1}{4}$ de uma couve-flor
- Sal
- 4 colheres/sopa de maionese
- 2 colheres/sopa de maisena
- 2 xícaras/chá de leite
- 2 colheres/sopa de queijo ralado
- Pimenta-do-reino (opcional)
- 1 colher/sopa de manteiga

Modo de preparar

1. Limpe a vagem e corte-a em pedaços regulares. Raspe as cenouras e corte-as, primeiro em tirinhas e, depois, cada tira em pedaços iguais. Coloque ambas em vasilha com água fria.
2. Debulhe as ervilhas e junte aos legumes em água fria.
3. Lave a couve-flor em água corrente, separe-a em buquês pequenos e junte-os também aos legumes. Escorra a água da vasilha, lave os legumes todos com cuidado e leve-os ao fogo em panela de água fervente.
4. Cozinhe por 20 minutos. Adicione 1 colher/chá de sal.
5. Enquanto os legumes cozinham, coloque em panela média a maionese, a maisena, o leite e o queijo. Tempere com sal e pimenta em pó e leve ao fogo brando, mexendo sempre por cinco minutos. Quando começar a engrossar, retire do fogo. Escorra os legumes.
6. Unte uma assadeira em fôrma refratária e coloque nela os legumes escorridos. Cubra-os com o molho e leve ao forno para gratinar. Forno médio, 10 a 15 minutos.



SOBREMESA

PUDIM DE LEITE CONDENSADO

Ingredientes

- 1 xícara/chá de açúcar (calda)
- 50 g de frutas cristalizadas
- 1 xícara/café de conhaque
- 1 lata de leite condensado
- A mesma medida de leite
- 1 vez a medida acima de suco de laranja
- 4 ovos
- $\frac{1}{2}$ xícara de água fervente

Modo de preparar

1. Faça uma calda com a xícara de açúcar, em fogo baixo. O açúcar irá aos poucos caramelizando, ficando dourado. Vá inclinando à panela durante toda essa operação, para evitar que queime em alguns pontos. Quando estiver bem dourado, junte a água fervente, aumente a chama e mexa levemente com colher de pau para ajudar a derreter os torrões. Deixe ferver por cerca de 10 minutos, ou até que a calda fique bem uniforme.
2. Pique muito bem as frutas cristalizadas, e deixe-as de molho no conhaque.
3. Coloque no liquidificador o conteúdo da lata de leite condensado. Adicione ainda a mesma quantidade de leite e de suco de laranja. Quebre os ovos inteiros e bata-os muito bem.
4. Em fôrma própria para pudim, esparrame a calda misturada com as frutas cristalizadas e o conhaque. Cuide para que a calda forre bem a fôrma toda. Despeje o conteúdo do liquidificador na fôrma e cubra-a com folha de papel-alumínio, deixando uma borda suficiente para fechar bem. Se necessário, amarre o papel-alumínio com um barbante, para melhor vedação.
5. Encha uma assadeira média com água quente, dentro dela a fôrma de pudim, e leve ao forno já quente por, mais ou menos, 40 minutos.
6. O forno deverá ser ligado, enquanto se bate o pudim.
7. Retire da fôrma quando estiver frio. Leve à geladeira.

Lamentação pela ruína e desolação do Templo

CONSIDERAÇÕES ÚTEIS (E ATUAIS!)

Lamentação. Calamidade nacional. **Desolação!** Mãos sacrílegas depredaram o Santuário! Queixa patética de uma alma dorida ante tamanho desacato e profanação. A que estado reduziram a querida Jerusalém! Nossa cidade em ruínas, ó Senhor! Por favor, ó Deus, tantos portentos realizastes na natureza e na história dos povos: **dignai-vos restituir o culto** ao antigo esplendor, dignai-vos reconstruir nossa cidade.

Dá vontade de reler, na íntegra, as cinco elegias das **Lamentações** do profeta Jeremias... Também o salmo 78(79) e outros que falam de calamidades gerais.

O salmo parece refletir o estado de ânimo dos fiéis israelitas durante o cativo ou a terrível perseguição de Antíoco, no tempo dos Macabeus. Hoje, está de volta a triste situação, com a desproporcional ação militar contra um reduzido povo que luta para ter como Pátria um pedaço da Terra Prometida. **Os vingativos Antíocos continuam.** Os zelosos Macabeus também. Mas, sobre uns e outros está Deus soberano, bondoso, paciente, do alto céu aguardando a reconciliação. Como inúmeras vezes interveio na história humana, Deus está novamente pronto a intervir, para restabelecer a criação e inaugurar os novos tempos, prometidos nos Escritos Sagrados.

Profanado e arruinado o Santuário de Javé, em Jerusalém, aquele tempo; profanado e desrespeitado o Santuário de Jesus Cristo, na vizinha Belém, agora. Clamor por toda parte pelo socorro de Deus, naquele triste tempo; clamor no mundo inteiro pela intervenção de Deus, nos infaustos dias de hoje. O ser humano não mudou para melhor. Infelizmente. Séculos atrás, bem escreveu um poeta português: *Pobre menino Jesus!*
Homens e bois

Salmo 73 (74)

A – Olhai para nós e para o vosso Santuário arruinado.

- 1 *Hino de Asaf.*
Por que, ó Deus, já não dais mais atenção e continuais aborrecido com as ovelhas do vosso rebanho?!
- 2 Recordai-vos do vosso grupo, que há tanto tempo formastes, da tribo que resgatastes como herança vossa, desta colina de Sião onde viestes morar.
- 3 Vinde ver de perto a total devastação: o inimigo destruiu tudo no Santuário!
- 4 Os adversários invadiram aos berros o local da vossa assembléa e hastearam suas bandeiras como troféus.
- 5 Pareciam lenheiros vibrando o machado na floresta espessa.
- 6 Rebutaram os portais do Templo com malhos e martelos.
- 7 Atearam fogo ao vosso Santuário. Profanaram, arrasaram a Morada do vosso Nome.
- 8 Planejaram entre si: *Vamos arruiná-los de uma vez! Vamos incendiar no país todos os lugares sagrados de reunião!...*
- 9 Já não vemos os nossos emblemas. Não existe mais profeta. E ninguém entre nós que saiba até quando...

B – Por que permitis tanto mal, ó Onipotente?!

- 10 Até quando, ó Deus, o inimigo continuará insultando? O adversário blasfemarà o vosso Nome para sempre?
- 11 Por que retirais a vossa mão, e conservais escondida a vossa destra?
- 12 Ora, Deus é meu rei desde sempre: é Ele que opera a salvação em toda a terra.
- 13 Com a vossa força abristes o mar, esmagastes as cabeças de dragões marinhos,
- 14 Quebrastes as cabeças do Leviatã e as destes como pasto aos seres que habitam o deserto.
- 15 Fizestes jorrar fontes e torrentes. Secastes rios caudalosos.
- 16 Vosso é o dia, vossa é a noite. fostes vós que estabelecestes a luz e o sol.
- 17 Marcastes todos os limites da terra, formastes o inverno e o verão.

te martirizaram.

Vinte séculos depois,
os homens não melhoraram
e ainda são mansos os bois...

(É uma das sátiras de João Saraiva.)

Imaginamos os inimigos entrando no Templo,
despedaçando os revestimentos de talha de madeira que

C – Defendei-nos de inimigo tão arrogante e cruel!

- 18 Lembrai-vos disto, Senhor: é a vós que o inimigo está insultando,
uma população insensata está afrontando o vosso Nome!
- 19 Não abandoneis às feras a avezinha que vos pertence,
não esqueçais para sempre a vida de vossos pobres.
- 20 Olhai pela vossa Aliança,
porque por todo canto é só violência...
- 21 Livrai da humilhação os que são oprimidos,
que o pobre e o indigente possam louvar o vosso Nome.
- 22 Levantai-vos, ó Deus, defendei a vossa causa.
Lembraí-vos das blasfêmias que continuamente vos dirige o insensato.
- 23 Não olvideis os insultos dos vossos adversários,
e o tumulto crescente dos que se insurgem contra vós.



Capernaum, ruínas da sinagoga de pedra, provavelmente situada no local da sinagoga original, que Jesus freqüentou muitas vezes.

ornavam todo o interior, para se apoderarem do ouro que os recobria, como se fossem lenheiros abatendo um bosque! Também hoje, em algumas nações dominadas por fundamentalistas, estão sendo invadidas igrejas cristãs e destruídos móveis e quebradas imagens e mortos religiosos e fiéis. *Séculos depois*, o ser humano não mudou...

Todavia, quanto maior for a sem-razão dos homens, tanto mais **há de brilhar o poder de Deus**, quando Ele intervier. “Quando será?” — pergunta o salmo. Resposta: o tempo de Deus não é o nosso tempo.

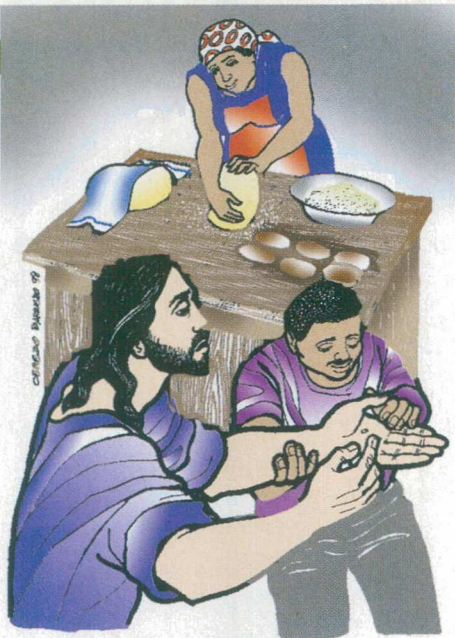
O salmo apela à honra de Deus ultrajado pelo inimigo e às maravilhas que Ele fez no passado: Ele não há de tolerar a perpetuação desse horroroso estado de desrespeito e blasfêmia.

Este salmo lembra perfeitamente a sanha dos inimigos contra **Jesus inocente** e as perseguições, que vão varando os séculos, contra a **Igreja Romana** (“romana”, porque lá está o sucessor de Pedro), Una (em sua essência) e única (na realidade histórica), Santa (pela presença do Espírito Santo e os Sacramentos, embora abrigando filhos pecadores), Católica (porque voltada para o mundo inteiro, sem fronteiras) e Apostólica (porque recebida diretamente dos Apóstolos). O furor dos inimigos contra Jerusalém e seu Templo nacional é pálida imagem do que aprontam contra Cristo e os cristãos. Hoje, século 21, por toda parte, os inimigos de Deus e de seu Cristo continuam a insultar, a ultrajar, profanar, blasfemar, devastar, destruir, rugir, rebentar, incendiar (palavras estas usadas no salmo). Se você ama Jesus Cristo, console-O; se você ama a sua Igreja, reze por ela – com o coração do salmista.

Faz o mal contra Deus quem prejudica as pessoas que servem a Deus. Assim como agrada a Deus quem respeita ou outros filhos de Deus. É por este motivo e não bem por pura vingança que os salmistas se insurgem contra os malvados, os ímpios, os idólatras e pedem a Deus justo e santo que os humilhe, confunda, extermine.

(O espaço da querida revista não permite tantos outros esclarecimentos. Mas **saberá compreender a tristeza do salmista** quem já teve assassinado ou drogado ou seqüestrado ou injustiçado alguém da própria família.

Ou destruído o lar. Ou...) 🌈



Deus quer a salvação de todos

16.º domingo do Tempo Comum
21 de julho

INTRODUÇÃO

Estamos habituados a dividir o mundo em bons, de um lado, e maus de outro. Invocamos as bênçãos do Senhor sobre nós e amaldiçoamos os outros. No entanto, o que opera a salvação, é a paciência de Deus com todos aqueles que erram, entre os quais nós estamos incluídos!

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura **Sb 12,13.16-19**

Esta leitura é muito atual também para nós, hoje. Como os judeus de Alexandria, no Egito, aos quais eram dirigidos os ensinamentos do Livro da Sabedoria, também nós nos julgamos um grupo de “justos”, “obrigados” a viver num mundo completamente perverso.

Nossa reação diante dos descabros, cujas notícias chegam até nós, é de desejar que a força de Deus destrua completamente os maus. Interpretamos até certas doenças como castigo de Deus! Quanta hipocrisia nossa,

pois também nós somos pecadores e, talvez, por dentro, piores do que aqueles que condenamos.

Deus não tem esses pensamentos. Ele não ama somente os bons, ama a todos, também os maus, porque são criaturas suas, e o único desejo que ele tem é que mudem de vida, depressa, para que eles também possam sentir-se felizes.

A força do Senhor sempre é grande, mas ele não a usa para castigar ou causar o mal para o homem, porque é indulgente com todos. O seu domínio é universal, estende-se sobre os justos e sobre os ímpios; não pode amar somente alguns.

Desse modo, ensina-nos a ser amigos de todos e nos enche o coração de esperança, quando erramos, para que procedamos do mesmo modo em relação àqueles que nos ofendem.

2.ª leitura **Rm 8,26-27**

A Bíblia é o livro da paciência divina, que sempre adia o castigo do seu povo.

Os profetas falavam da cólera de Deus. Mas a cólera não era o último momento da manifestação divina. O perdão sempre venceu. Javé é rico em graça e fidelidade, e sempre pronto a retirar suas ameaças, quando Israel voltava novamente ao caminho da conversão. Mas, ensina-nos Paulo, nós, sozinhos, somos incapazes de atingi-lo.

De fato, Deus nos deu sua vida e nos fez seus filhos. O Espírito Santo, porém, presente em nós pelo batismo, faz-nos tender para a Ressurreição, e é o valioso auxílio para nossa incapacidade. Ensina-nos a formular a oração justa, isto é, segundo Deus, conforme seu plano salvífico e que tem como objeto a nossa salvação.

Rezar, portanto, é o mesmo que deixar-nos guiar pelo Espírito Santo que nos aproxima sempre mais de Deus e nos abre o coração aos irmãos.

Evangelho **Mt 13,24-43**

Não nos deve perturbar o escândalo de uma Igreja medíocre, pecadora, comprometida, distante do ideal evangélico de pureza, de santidade, de desapego. Sendo feita de homens e vivendo mergulhada no mundo, corre continuamente o risco de se contaminar com ele e ver crescer em suas fileiras o joio ao lado do trigo.


Diante dessa realidade, que nada tem de edificante, está, de um lado, a paciência de Deus (o dono do campo) e, de outro, a impaciência dos servos. Qual das duas opera a salvação? Sem dúvida a paciência de Deus. Ele sabe que essa situação não põe em perigo o bom êxito do Reino.

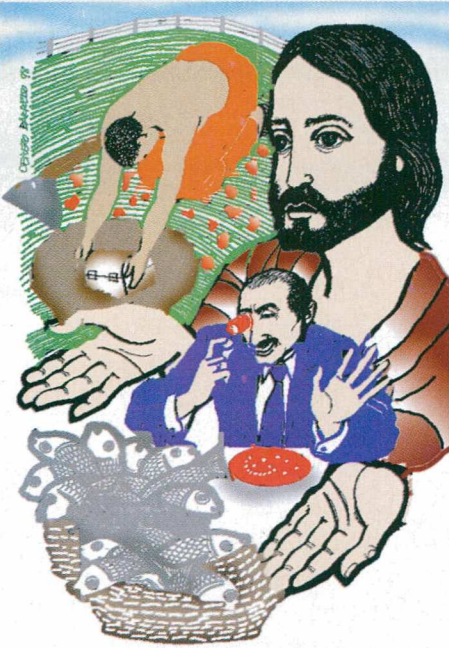
Provavelmente, após as primeiras décadas de grande fervor, os cristãos tenham relaxado um pouco e não tenham levado mais a sério os compromissos do próprio batismo. Mateus sentiu necessidade de tocar-lhes o coração com palavras enérgicas, com a linguagem dos pregadores do seu tempo, que os judeus sabiam compreender.

Não está certo, portanto, tirar deste trecho do evangelho conclusões em relação ao fim do mundo e ao julgamento de Deus, pois o evangelista não está prestando informações. Está somente chamando a atenção da sua comunidade para a seriedade de vida.

Deus é Pai e quer que todos nós nos salvemos e não enviou seu Filho para julgar o mundo, mas para que este se salve por meio dele (cf. 1Tim 2,4).

REFLEXÃO

Comprendemos que Deus não usa a sua força para abater aqueles que erram, mas para salvá-los e quer que façamos o mesmo? Primeiramente, estamos convencidos de que o “joio” também está presente em nosso coração? Pedimos ao Espírito para que destrua todo o mal, também em nós? 



Reino do Pai para todos os homens

17.º domingo do Tempo Comum
28 de julho

INTRODUÇÃO

Há oportunidades que são únicas na vida. Não podem ser desperdiçadas, porque não se repetem. A escolha do reino de Deus não pode ser prorrogada. Quando Deus nos convoca, é preciso responder-lhe logo.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura 1Rs 3,5.7-12

A escolha feita por Salomão prepara a mensagem que encontraremos no evangelho de hoje. Jesus nos convocará para fazermos escolhas sábias na nossa vida e a preferir o reino de Deus a quaisquer outros bens.

Aquele rei não pediu nada para si: nem riqueza, nem saúde, nem vitória contra os inimigos. Sua preocupação foi outra. Sentia-se muito jovem e sem experiência para governar um povo grande e numeroso. Sabia das enormes tentações que cercam a quem governa. Diante disso, pediu um coração sábio para poder praticar a justiça em

favor de seu povo e para saber distinguir entre o bem e o mal. E o Senhor abençoou sua humildade.

Isto nos faz lembrar uma passagem do Evangelho de Mateus, em que Jesus nos aconselha a não nos afligirmos com o que comeremos e beberemos, ou com o que vestiremos, mas a buscarmos em primeiro lugar o reino de Deus (cf. Mt6,25).

Infelizmente, a imagem do Reino não lembra mais quase nada às nossas mentes. No entanto, o Reino constitui o objeto principal da pregação de João Batista e, depois, de Jesus.

2.ª leitura Rm 8,28-30

O reino de Deus não consistia na restauração da monarquia nem em compensação nacionalista, como até então pensavam os israelitas.

Jesus se une aos profetas, quando compara o Reino, por ele anunciado, ao tesouro ou à perola preciosa, diante dos quais tudo o mais é desprovido de valor. Só se chegará a esse Reino, assumindo-se as exigências bem precisas que se resumem na palavra *conversão*.

Converter-se é atitude interior, é mudança de mentalidade. É especial dom de Deus, cuja semente brota em cada coração e deve ser cultivada na paciência. Por isso, ensina Jesus que o reino de Deus está dentro de nós (cf. Lc 17,21).

Paulo corrobora essa descoberta, ao escrever, no v. 26, que o *Espírito vem em auxílio à nossa fraqueza, porque não sabemos o que devemos pedir, nem orar como convém, mas o Espírito mesmo intercede por nós com gemidos inefáveis*. No v. 27, que inicia o trecho de hoje, o Apóstolo anima-nos nessa tarefa, afirmando que *Deus coopera em tudo para o bem daqueles que o amam*. Não desanimemos. É necessário nos convertermos todos os dias, incansavelmente.

Evangelho Mt 13,44-52


Este trecho do evangelho conclui o discurso, escrito por Mateus, sobre o Reino. Jesus conta parábolas e nos faz entender que vale a pena vender tudo para possuí-lo. As duas primeiras, do tesouro e da pérola, completam-se. O reino de Deus, por um lado, é seu dom gratuito. Por outro, é também fruto de nossa procura e esforço.

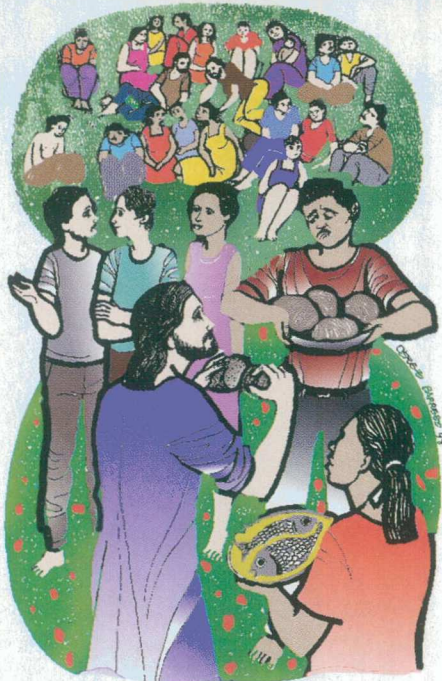
Com a terceira parábola, nosso Salvador ensina que no mundo, na Igreja, em cada um de nós, continuarão a coexistir forças opostas. Não podemos selecionar os homens, mantendo os bons e expulsando os maus.

Dentro de nós, descobrimos ainda muitas falhas, muitos hábitos que não conseguimos extirpar, muitas reações que escapam ao nosso controle. Não podemos justificar o que está errado, mas também não podemos nos irritar contra nós mesmos, ou desanimar. Temos de aceitar a realidade serenamente. O bem e o mal estarão presentes em cada um de nós, até o fim, até quando o Pai concluir a sua obra de amor e de libertação. Para sermos bons e tolerantes com os outros, é preciso, antes, sermos sinceros e tolerantes em relação a nós mesmos.

Para o rei Salomão, o maior tesouro foi a sabedoria para poder governar bem o seu povo. Para nós, o tesouro é o reino de Deus. Quem o descobre fica repleto de alegria e está disposto a mudar por completo a própria vida para poder conquistá-lo.

REFLEXÃO

Desde que descobrimos Cristo, o que mudou em nossa vida, em nosso modo de pensar, de falar, em nosso relacionamento com os outros? Que renúncias tivemos de fazer? Quanto tempo dedicamos ao serviço da comunidade, às leituras sérias, à oração? 



Jesus sacia a nossa fome

18.º domingo do tempo comum
4 de agosto

INTRODUÇÃO

O milagre da multiplicação dos pães é, para nós, sinal e apelo. O pão divino que nos sacia torna-nos capazes de amar nossos irmãos; por outro lado, suscita em nós um dinamismo humano que nos leva a prover de pão os que dele são privados.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura **Is 55,1-3**

As palavras desta leitura não se referem somente à fome e à sede materiais. Reportam-se à fome e à sede de felicidade, de justiça, de fraternidade, de amor, de paz.

Os israelitas que, levados pelas palavras do Profeta, deixaram a Babilônia e voltaram para sua pátria, não encontraram alimento algum à sua espera. Pelo contrário, foram mal recebidos pelos que lá tinham permanecido.

Lentamente, suas mentes se abriram para entender o verdadeiro sentido das palavras do Senhor: não tinham

a finalidade de uma realização imediata e nem deviam ser tomadas no sentido material que eles esperavam.

Muito mais tarde, quando Jesus recomendou a seus discípulos que tomassem cuidado com o fermento dos fariseus, também eles entenderam ao pé da letra e achavam que assim lhes falava porque não tinham trazido pão. Ao oferecer à samaritana água viva, ela também pensou que Jesus se referia à água do poço (cf. Mt 16,6; Jo 4,7-26).

A Boa Nova, por ele proclamada, jamais poderá ser reduzida a uma sociedade corporal. O essencial é o amor de Deus em nossos corações.

2.ª leitura **Rm 8,35.37-39**

Paulo pergunta: *Quem nos irá separar do amor de Cristo?*

A experiência ensinou-lhe que em tudo o que humanamente poderia separá-lo do amor de Deus, manifestado em Jesus, saiu vencedor com o auxílio da graça de Deus.

As provações materiais e espirituais, nada nos pode afastar de Cristo. Só nós mesmos nos podemos separar dele, porque Deus nunca tomará a iniciativa da separação. O que pode nos conduzir ao abandono da fé?

As circunstâncias mais disparatadas: os acontecimentos tristes, mas também o sucesso. Quando na vida tudo corre bem, podemos cair na tentação de dispensar Deus, porque já temos tudo o que desejamos. Mas, sobretudo, são as contrariedades, os trabalhos penosos, os contratempos, as desventuras que nos podem levar ao desânimo e que tentam nos separar do amor de Cristo. Não se trata somente de tribulações providas de fora. A angústia — citada pelo Apóstolo —, por exemplo, refere-se também àquilo que alguém experimenta dentro de si ou na própria comunidade.

Mais abaixo, Paulo nos aponta o caminho: *É crendo, de coração, que se*

obtem a justiça, e é professando com palavras que se chega à salvação.

Evangelho **Mt 14,13-21**

Esta história parece que pouco nos interessa, pois não temos o poder de Jesus. Mas então o que Mateus nos quis ensinar? Vejamos:


Jesus diz a seus discípulos que eles não podem descarregar sobre os outros a solução do problema da fome: as pessoas que têm fome não devem ser afastadas, os próprios discípulos devem dar a eles o que comer.

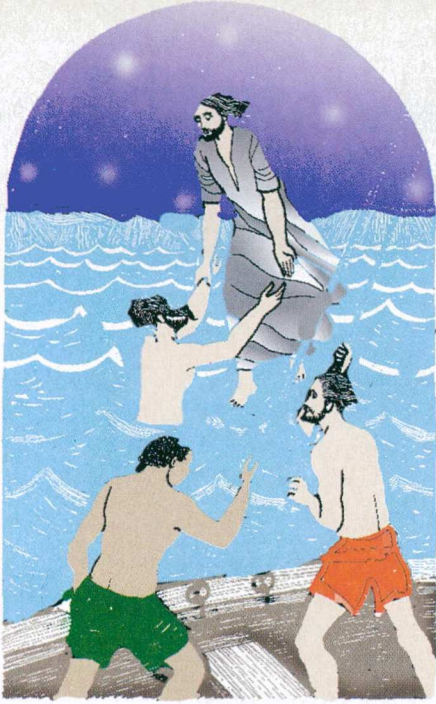
Se quisermos, sempre conseguiremos encontrar algumas justificativas ou alguma desculpa para nos vermos livres de um irmão que nos aborda: Não é obrigação nossa... quem deve cuidar disso é o governo... Se resolvermos este caso, aparecerão outros mil!

Jesus não resolve sozinho o problema da fome das multidões, serve-se daquilo que o povo já tem à sua disposição. A mensagem de Jesus então se torna clara: a comunidade deve colocar em comum tudo aquilo que possui para que se possa realizar o milagre e possa haver alimento para todos.

Jesus tomou os pães, e levantando os olhos aos céus, abençoou-os, partiu-os e os deu a seus discípulos. Estas palavras são bem conhecidas por nós, são as mesmas da eucaristia. Mateus quer que entendamos que quando alimentamos um irmão, quando resolvemos as suas necessidades materiais, tornamos presente Jesus que se dobra para cuidar do homem.

REFLEXÃO

O que fazem, de forma concreta, nossas comunidades para enfrentar os problemas que angustiam tantas pessoas? Poderemos aproximar-nos para receber o pão eucarístico se não estivermos dispostos a partilhar com os irmãos também o pão material? 



Tranqüilizai-vos, sou eu. Não tenhais medo!

19.º domingo do tempo comum
11 de agosto

INTRODUÇÃO

Deus vem ao nosso encontro, especialmente nos momentos de necessidade, quando o invocamos com fé. Mas sua presença é permanente em nosso íntimo, em nossa própria história e nos outros homens.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura 1Rs 19,9a.11-13a

O Deus dos profetas e de Jesus é o defensor dos pobres e dos fracos. Não está nos fenômenos naturais grandiosos e violentos, mas no sopro leve da brisa, como que significando a espiritualidade e a intimidade das manifestações de Deus a nós.

Não foi fácil para Elias aceitar que Deus não estava nos raios, no furacão, no terremoto, na tempestade, na fecundidade dos campos e do gado, como acreditavam os pagãos.

Sua experiência é a imagem daquilo que acontece conosco. Muitos de nós ainda adoramos um Deus que dis-

tribui prêmios e castigos, que manda doenças e infortúnios, que não manda a chuva se formos maus.

Não se pode continuar pensando que quem acredita em Deus terá mais sorte, encontrará um bom emprego, não estará sujeito a contratempos, terá vida longa e terá filhos fortes. Deus não pode ser aprisionado dentro das categorias humanas pois é absolutamente diferente. Deus nos fala, hoje, por meio de seu sinal privilegiado: o homem.

2.ª leitura Rm 9,1-5

Esse compromisso com o outro, imagem e semelhança de Deus, angustiava profundamente a Paulo, quando tinha procurado de todas as formas anunciar Cristo a seus irmãos israelitas, mas não tinha conseguido resultado algum.

Ao escrever aos romanos, assegurou-lhes que, da parte de Deus, a salvação era absolutamente certa. Por que, então os judeus, seus patrícios, tinham rejeitado a Cristo? Como era possível que o povo eleito, os filhos de Abraão, herdeiros das promessas feitas aos Patriarcas, tivessem rejeitado o Messias?

Paulo responde ter Deus agido com retidão, não tendo faltado às promessas. A culpa era de alguns de Israel que, com seus pecados, recusaram-se a conformar-se ao plano divino.

Paulo chega a dizer que, faria qualquer coisa para convencê-los a acreditar no Messias. Tal era seu sofrimento com o problema.

São esses nossos sentimentos em relação aos nossos membros da família que nada querem com Cristo? Podemos dizer que tudo fazemos para que o aceitem, principalmente com nosso exemplo?

Evangelho Mt 14,22-33

Pedro, o primeiro entre os discípulos, sente-se fraco e frágil diante

da imensa missão que Jesus lhe tinha dado. As forças contrárias são violentas e o assustam. Quem lhe dará forças para enfrentá-las, senão Jesus?

Setenta anos depois, Mateus narra este episódio às suas comunidades, perturbadas pelas perseguições externas e pelas dissensões internas: Jesus comunicou a Pedro o seu poder divino, que continua presente na Igreja.


Em nossos dias, as forças do mal surgem na Igreja e fora dela. São a corrupção, a violência, a opressão dos poderosos, a ganância, etc., etc. que podem arrastar-nos também. Mas não há motivo para termos medo. Jesus nos oferece a vitória sobre as forças do mal e a segurança nas provações, mas pede como condição essencial uma confiança sem hesitação.

Nunca nos aconteceu de conhecer comunidades fervorosas caminhando, como Pedro, tranqüilas sobre as águas e depois, repentinamente, diante das dificuldades e ventos contrários, perceber que a fé começa a vacilar?

Não nos aconteceu, também, depois do batismo, de iniciarmos o caminho e, pouco depois, esquecendo-nos de Jesus, pensar estarmos em condições de resolver todos os problemas sozinhos, com nossas forças, e reparar no Ressuscitado somente quando nos vemos afundando no pecado?

Felizes de nós se, nessas oportunidades, tivermos a coragem de nos voltarmos para Jesus, com o coração arrependido, e lhe dizer: "Senhor, salvamos!".

REFLEXÃO

Aceitamos o Senhor quando se dirige a nós na doença, nas mudanças imprevistas que destroem "nossos" planos? Reconhecemos o sinal privilegiado de Deus nas outras pessoas? Habitamo-nos a estender a mão a Jesus, pela oração, todos os dias? 



Vencedora da morte

Solenidade da Assunção de Nossa Senhora

18 de agosto

INTRODUÇÃO

Deus, que nos criou para a vida, parece assistir impassível à hora em que a morte põe um fim aos nossos dias aqui na terra. A resposta a essa dúvida angustiante nos é dada, hoje, em Maria, a mulher na qual a vida celebra o seu triunfo.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Ap 11,19a; 12.1-6a.10ab

Amãe de Jesus está muito mais próxima de nós, do que julgamos. Percorreu um caminho de fé, às vezes obscuro e cansativo: pediu explicações ao anjo, na anunciação; em várias ocasiões — lemos nos evangelhos — não entendeu as escolhas que Jesus fazia. Rezava e, por isso, era uma mulher combativa, incansável e participante.

Prova de que não era uma mulher alienada da comunidade é que, acompanhou Jesus, até subir junto com ele o Gólgota, amparando-o mediante sua presença silenciosa junto à cruz. Após sua ascensão, permaneceu onde estavam os apóstolos, sofrendo por causa da separação de seu Filho e man-

tendo-se unida a eles na oração. Rezava como pobre, do jeito que conseguia, na fé, na confiança e no amor. Dava-se a seu Filho, tal como era, naquele instante, e não como gostaria de ser.

O autor do livro do Apocalipse escreve o texto, sobre o qual hoje meditamos, pelo fim do século I d.C. Período difícil para as comunidades da Ásia Menor, onde ele vivia. Emprega imagens e símbolos que os seus leitores, habituados a ler o Antigo Testamento, compreendiam imediatamente.

A mulher, aplicada em nossa solenidade a Maria, é, em seu primeiro sentido, a comunidade de Israel, daí as doze estrelas, referindo-se às doze tribos. O menino é, evidentemente, Cristo. O dragão vermelho simboliza o mal. Não obstante todas as aparências de imenso poder que ainda hoje suas forças mostram, o dragão já foi vencido. Está incapacitado de nos causar mal pelo “poder de Cristo”

2.ª leitura 1Cor 15,20-27

Amorte não nos alcança somente no fim de nossa vida. É uma experiência que nos acompanha a todo momento. Deus não muda miraculosamente a realidade de morte deste mundo, porque nos criou desse jeito. Nem elimina a morte biológica. O organismo de cada um de nós corrompe-se e acabará por consumir-se. Não é sobre essa morte que estamos refletindo. A doença, a dor, a desilusão, a solidão, o abandono, são situações que nos impedem de viver em plenitude. São formas de morte. A mulher traída, a mãe que possui um filho dependente da droga, a garota seduzida e abandonada, por acaso não experimentam a morte no coração?

Diante das forças negativas, rancor, desejo de vingança, que nos impedem de manter a paz, sentimo-nos impoten-

tes e invocamos o Senhor. Cristo venceu a morte, como diz Paulo, não porque encontrou uma forma miraculosa de não nos deixar sair deste mundo, mas porque nos faz nascer, introduzindo-nos no mundo de Deus onde existe somente vida.

Hoje, celebramos a festa daquela que jamais foi derrotada pelas duas mortes. Como seu Filho, Maria não procurou fugir à condição humana, não pediu a Deus descontos, privilégios, milagres. Soube, porém, transformar cada situação de morte em oportunidade de crescimento e de amadurecimento no amor, até o dia em que foi transferida para o mundo novo no qual seu Filho entrou em primeiro lugar.

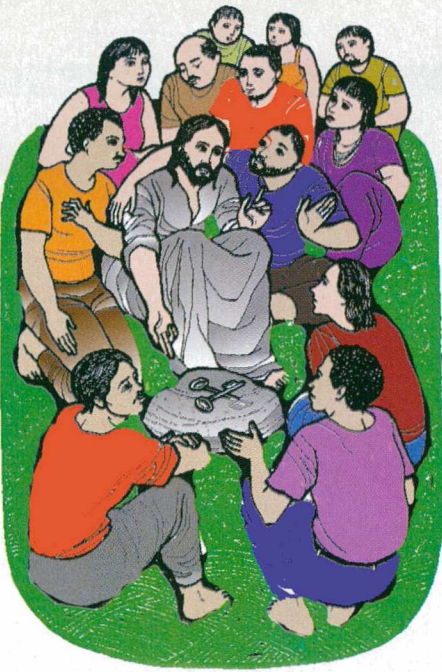
Evangelho Lc 1,39-56

O evangelho não é uma coletânea de informações, escritas para satisfazer nossa curiosidade, mas um texto de catequese. Seu objetivo é alimentar nossa fé e nos levar a compreender quem é esse Jesus ao qual somos convidados a dar a nossa adesão.

Por isso, não nos deve causar admiração que a conversa de Maria e Isabel não seja composta de palavras simples, mas de frases tiradas da Bíblia escolhidas a dedo por Lucas. Aplicando a Maria frases de Jael (Jz 5,24), de Judite (Jt 13,23) e da mãe de Samuel (1Sm 2,1-11), Lucas quer afirmar que, como aquelas mulheres do Antigo Testamento, também ela pertence à categoria dos instrumentos frágeis e pobres com os quais Deus executa as suas maravilhas.

REFLEXÃO

Diante das formas de morte: desunião, rancores, opressões, injustiças, desejos de vingança, como reagimos? Desesperamo-nos? Rezamos à mãe de Deus, entregando-lhe nossos problemas?



“E vós quem dizeis que eu sou?”

21º domingo do tempo comum
25 de agosto

INTRODUÇÃO

Nós que fazemos parte da Igreja de Jesus e nos reunimos todos os domingos para a eucaristia, devemos ser os primeiros a perguntar-nos: “quem é Jesus para nós?”. Só pode responder a esta pergunta quem se encontrou com ele, quem fez uma experiência pessoal dele e lhe exprime a fé pela vida.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura **Is 22,19-23**

Na antiguidade, “receber as chaves” queria dizer ter plenos poderes. Aqui, significa administrar os bens do soberano e decidir quem pode ser recebido ou recusado por ele.

Jesus entregou a Pedro as chaves do Reino dos Céus, isto é, conferiu-lhe plenos poderes.

A autoridade de Eliakim é descrita com as seguintes palavras: *Ele será como um pai para os habitantes de Jerusalém e para todo o povo de Judá.*

Não se trata de um poder semelhante ao dos chefes políticos, nem é um direito para receber honras e privilégios. Consiste, sim, em ser como um pai, disposto a sacrificar-se pelos filhos.

Também isto nos prepara para entender em que consiste o serviço da autoridade que Jesus conferiu a Pedro.

2.ª leitura **Rm 11,33-36**

Conclui-se neste domingo a série de trechos em que Paulo manifestava aos romanos sua angústia por os judeus, seus patrícios, terem-se recusado a reconhecer, em Jesus, o Messias.

Vimos que essa atitude deu como resultado a entrada dos pagãos na Igreja. Os discípulos abandonaram Jerusalém e dispersaram-se pelo mundo para anunciar o Evangelho a outros povos.

O Apóstolo constata que Deus tirou um bem do mal e exclama: *Quão grande é a sabedoria e a ciência de Deus e como são imperscrutáveis os seus desígnios e inacessíveis os seus caminhos!*

Qualquer acontecimento, até o mais dramático, tem o seu sentido profundo, cujas consequências frequentemente nos escapam.

Deus, apesar de todos os nossos pecados, continua a planejar caminhos novos e inimagináveis para nos salvar.

De fato, deparamo-nos, todos os dias, com problemas e situações que não têm explicação humana. Mas a certeza de que tudo aquilo que acontece é guiado pelo amor do Pai deve-nos levar a guardar tais coisas em nosso coração, como Maria e José faziam diante das situações criadas por Jesus e que eles não compreendiam (cf. 2,48-51).

Evangelho **Mt 16,13-20**

Hoje, Jesus Cristo é proclamado em praças públicas. Seu nome é pronunciado nas igrejas. Emocionado pe-

los cânticos, o povo chega muitas vezes a chorar. Mas é suficiente esse sentimento? Basta essa admiração para que sejamos chamados de cristãos?

Para essas pessoas, que significado tem crer em Jesus? Que influência seus ensinamentos exercem em suas vidas, que mudanças acontecem?

E quando Jesus afirma que sobre essa pedra edificaria sua Igreja, referia-se à fé nele professada por Pedro. Essa fé constitui nosso sólido fundamento na vida, contra tudo o que lhe seja contrário e ao bem do homem.

Pedro recebe de Jesus as chaves e o poder de ligar e desligar, a serviço dos irmãos. No Novo Testamento, este Apóstolo aparece sempre por primeiro e é quem deve confirmar a fé dos outros. Isso indica que a Igreja tem no bispo de Roma o responsável para manter a unidade da fé em Cristo.

Deveremos nos adaptar àquilo que Jesus repetiu muitas vezes e com tanta clareza: *o primeiro entre vós seja como o mais pequenino e quem governa, como aquele que serve.*

Acreditar que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, é crer no despojamento de Jesus, no espírito de serviço com que aceitou vir ao mundo e que nos serve de espelho para nossas atitudes e comportamento: *Eu estou no meio de vós como aquele que serve* (Lc 22, 26-27).

Devemos nos converter e abandonar tudo aquilo que não seja evangélico no nosso modo de interpretar o ministério do Papa e a autoridade da Igreja.

REFLEXÃO

Se temos poder de mando, usamo-lo para receber honras e privilégios? Se somos pais ou mães, impomos aos filhos e empregados o que bem entendemos? Ou aceitamos o método mais difícil e trabalhoso do diálogo, da consulta, cujos resultados são muito mais producentes?



Leituras litúrgicas das Missas – JULHO



13.ª semana do Tempo Comum

1.º - segunda: Am 2,6-10.13-16 = Porque massacram o pobre, serão duramente castigados. Sl 49. Mt 8,18-22 = Deixar tudo para seguir Jesus.

2 - terça: Am 3,1-8; 4,11-12 = Deus pronuncia-se contra o povo impenitente. Sl 5. Mt 8,23-27 = Tempestade acalmada: Senhor, salva-nos!

3 - quarta: São Tomé, Apóstolo. Ef 2,19-22 = Estais edificados sobre o fundamento dos apóstolos. Sl 116. Jo 20,24-29 = Meu Senhor e meu Deus!

4 - quinta: Am 7,10-17 = Amós, expulso pelo sacerdote Amasias, recebe missão divina. Sl 18. Mt 9,1-8 = O paralítico e o perdão dos pecados.

5 - sexta: Am 8,4-6.9-12 = Vós que engolis o pobre... sereis duramente castigados. Sl 118. Mt 9,9-13 = Vocação de Mateus; Jesus com os “pecadores”.

6 - sábado: Am 9,11-15 = Promessas de restauração e reconstrução. Sl 84. Mt 9,14-17 = Jejum quando se for o esposo; remendo novo, recipiente novo.



14.ª semana do Tempo Comum

8 - segunda: Os 2,16.17b-18.21-22 = Conversão da esposa e desposório. Sl 144. Mt 9,18-26 = A filha do chefe (Jairo); a

hemorroíssa.

9 - terça: Os 8,4-7.11-13 = Punição pelo pecado da idolatria. Sl 113. Mt 9,32-38 = Compaixão de Jesus pelo povo que sofre.

10 - quarta: Os 10,1-3.7-8.12 = Destruição do culto idolátrico: tempo de buscar Deus. Sl 104. Mt 10,1-7 = Escolha dos doze apóstolos; instruções para a missão.

11 - quinta: Os 11,1-4.8c-9 = Amor incansável de Deus pelo seu povo. Sl 79. Mt 10,7-15 = Conselhos aos missionários.

12 - sexta: Os 14,2-10 = Apelo à conversão: verdadeiro arrependimento e perdão. Sl 50. Mt 10,16-23 = Instruções sobre perseguições futuras: ovelhas entre lobos.

13 - sábado: Is 6,1-8 = Visão divina e vocação de Isaías. Sl 92. Mt 10,24-33 = Não tenhais medo daqueles que matam o corpo.



15.ª semana do Tempo Comum

15 - segunda: Is 1,10-17 = Vossas oferendas, não a multidão de vossos crimes. Sl 49. Mt 10,34—11,1 = Desprendimento; perseverança: vim trazer a espada.

16 - terça: Nossa Senhora do Carmo. Zc 2,14-17 = Eis que venho residir no meio de ti. Cânt.: Lc 1,46-55. Mt 12,46-50 = A mãe e os “irmãos” de Jesus.

17 - quarta: Is 10,5-7.13-16 = Oráculo contra os magistrados injustos e contra a Assíria. Sl 93. Mt 11,25-27 = O Evangelho revelado aos pequeninos.

18 - quinta: Is 26,7-9.12.16-19 = Cântico dos remidos: na angústia clamamos a vós. Sl 101. Mt 11,28-30 = Vinde a mim e eu vos aliviarei, e achareis repouso.

19 - sexta: Is 38,1-6.21-22.7-8 = Doença e cura do rei Ezequias. Cânt.: Is 38,10-16. Mt 12,1-8 = Espigas colhidas no sábado.

20 - sábado: Mq 2,1-5 = Ai dos grandes maquinadores de iniquidade! Sl 9. Mt 12,14-21 = Curas numerosas; proibição de divulgar.



16.ª semana do Tempo Comum

22 - segunda: Santa Maria Madalena. Ct 3,1-4a = Procurei o amado de minha alma. Sl 62. Jo 20,1-2.11-18 = Mulher, por que

choras? A quem procuras?

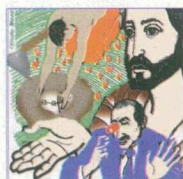
23 - terça: Mq 7,14-15.18-20 = Jogai os nossos pecados nas profundezas do mar! Sl 84. Mt 12,46-50 = Mãe e “irmãos” de Jesus.

24 - quarta: Jr 1,1.4-10 = Vocação do profeta Jeremias. Sl 70. Mt 13,1-9 = Parábola do semeador.

25 - quinta: São Tiago (Maior), Apóstolo. 2Cor 4,7-15 = Trazemos em nosso corpo a agonia de Jesus. Sl 125. Mt 20,20-28 = Bebereis o meu cálice.

26 - sexta: São Joaquim e Santa Ana, Pais de Maria Santíssima. Eclo 44,1.10-15 = O seu nome vive para sempre. Sl 131. Mt 13,16-17 = Muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes.

27 - sábado: Jr 7,1-11 = Será a minha casa uma caverna de bandidos?! Sl 83. Mt 13,24-30 = Trigo e joio.



17.ª semana do tempo comum

29 - segunda: Santa Marta. 1Jo 4,7-16 = Amemo-nos uns aos outros. Sl 33. Jo 11,19-27 = Eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus.

30 - terça: Jr 14,17-22 = Pela honra do vosso nome, salvai-nos, Senhor. Sl 78. Mt 13,36-43 = Explicação da parábola do trigo e do joio.

31 - quarta: Jr 15,10.16-21 = Vossa palavra constitui a minha alegria. Sl 58. Mt 13,44-46 = Tesouro escondido; pérola preciosa.

MANI, A MENINA DAS SELVAS*



“VEM, GENTE! É POR AQUI MESMO!”



“NÃO KACILDA! POR AÍ NÃO!”



“CUIDADO! OU MENINOS BRANCOS VÃO SE PERDER NA MATA!”



“UMA ÍNDIA DE VERDADE!”

“ESTA É A MANI! ELA VEIO DA TRIBO PANARÁ!”

“OI!”



“DO PARANÁ? NOSSA! COITADA! VEIO DE TÃO LONGE A PÉ?”



“É PANARÁ! KACILDA!”

“PANARÁ SIGNIFICA 'NÓS'!”



“'NÓS DE APERTAR?'”

“NÃO! NÓS DE GRUPO, DE GENTE AMIGA!”



“PARA O ÍNDIO, TODOS SÃO IGUALMENTE IMPORTANTES...O VELHO, O MOÇO, A CRIANÇA...”

“COMO ASSIM, MANI?”



“ORA, TODAS AS FASES DA VIDA DE UMA PESSOA SÃO COMEMORADAS...COM RITUAIS, FESTAS...”



“CADA UM SE SENTE INTEGRADO COM O TODO: COM A TRIBO E COM A NATUREZA...ATÉ MESMO O JOVEM NÃO SE SENTE EXCLUÍDO COMO NA SOCIEDADE...”

* Mani significa branca em tupi-guarani. O nome indígena vem sempre associado à natureza!

...na minha tribo vivemos em harmonia com tudo que está em volta de nós...

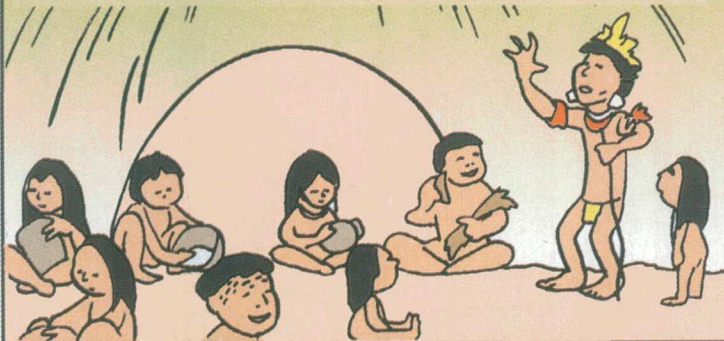


... o homem não é filho da fumaça da cidade; é filho das águas, das montanhas, das árvores e dos animais...



A união e a partilha

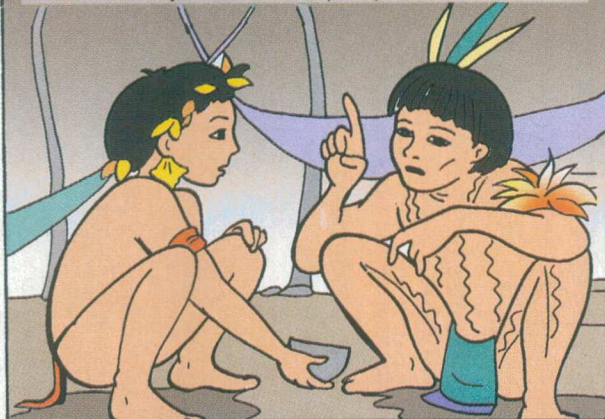
...os velhos são nossos guias, pois trazem a sabedoria ancestral...



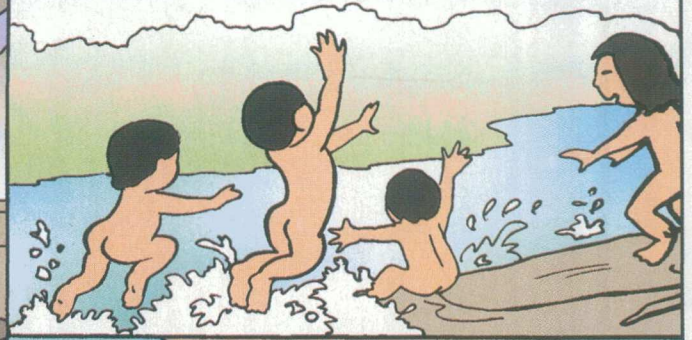
são valores que aprendemos desde pequenos...



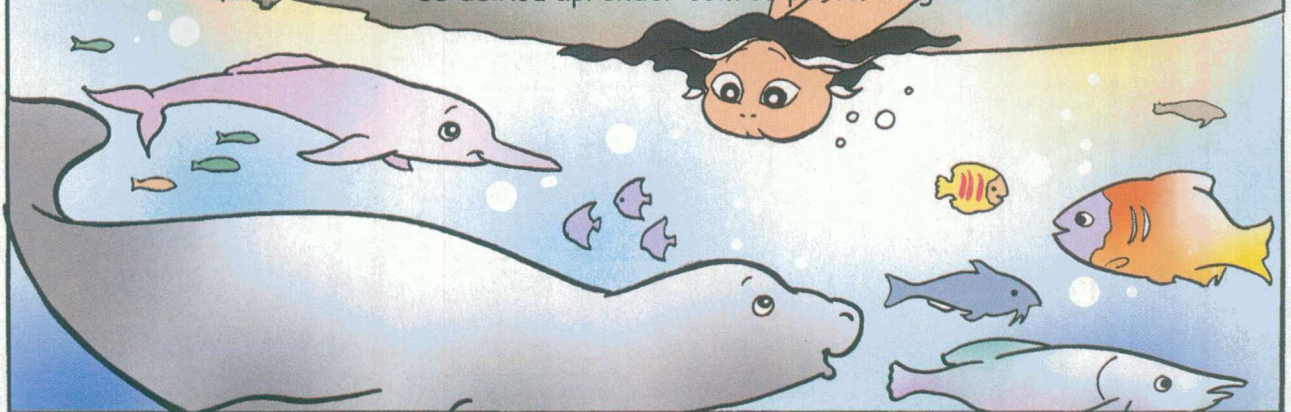
... tudo é passado de pai para filho...



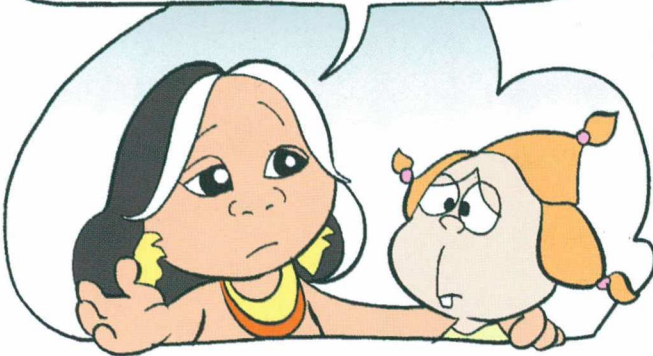
... se o homem branco pudesse abrir o coração para aprender com o índio...



...veria quanto ele perdeu, todos esses anos, quando somente impôs seus costumes e não se deixou aprender com os povos indígenas...



QUANDO OS JOVENS NÃO SÃO VALORIZADOS,
SENTEM-SE SÓS POIS NÃO SABEM
QUEM SÃO...



PUXA...PELO QUE ESTOU VENDO, NÓS PERDEMOS
MUITO MESMO QUANDO NÃO APRENDEMOS
COM OS POVOS
INDÍGENAS...

E AINDA POR CIMA, OUTROS
PAÍSES TÊM SE APROVEITA-
DO DE SEUS CONHECIMEN-
TOS SOBRE NOSSAS ERVAS
SÓ PARA GANHAR
DINHEIRO!



POIS NÃO FIQUE MAIS TRISTE, MANI, NÓS
VAMOS FAZER UMA GRANDE UNIÃO DOS
POVOS NUMA GRANDE FESTA QUE
PLANEJEI!

CLARO! POIS SÓ PODERIA VIR DA KACILDA A
IDÉIA DE COMEMORAR O ANIVERSÁRIO NA
AMAZÔNIA!



E COM DIREITO A MUITA PLUMA, PENNA E PÊLOS; DOS
NOSSOS MAIORES CONVIDADOS MUITO FOFOS E LINDOS!!!

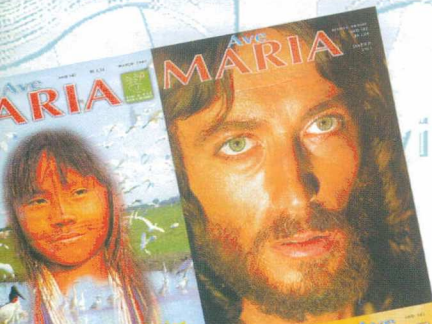
ESTA É UMA
INTEGRAÇÃO QUE
TODOS ADORAM!



FIM

revista Ave MARIA

PRIMEIRA REVISTA
CATÓLICA MARIANA
DO BRASIL



A revista **AVE MARIA** foi criada para ser uma homenagem a Nossa Senhora. Por isso, durante um século ela manteve — e continuará mantendo — compromisso com o evangelho de anunciar a justiça, o direito, a verdade, o amor e a paz.

Divulgue você também essa mensagem. Você já pensou em dar de presente uma assinatura da **AVE MARIA** a um parente, amigo, vizinho, ou a alguém que você estima?

O(A) novo(a) assinante receberá uma revista que fortalece a fé, leva conforto espiritual, traz a palavra do Papa, notícias da Igreja, conta a história dos santos, além de histórias e joguinhos infantis que ajudam a crescer nossas crianças.

Você sentirá satisfação em divulgar mensagens cristãs e marianas.

Todos os meses, você será lembrado(a) com admiração e alegria por meio da revista. É muito fácil e simples fazer sua assinatura.

Ligue grátis de qualquer parte do Brasil:

0800-555-021 ou (11) 3666-2128

Ave
MARIA

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
TELS. (11) 3666-2128 / 3823-1060
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

CORREIOS
Impresso especial
5406/01 DR/SPM
Ave Maria

**Leia e assine
a revista
Ave Maria**

Não perca esta oportunidade!

Entre em contato conosco pelo telefone:

0800-555-021
(grátis)

R\$ 25,00 (12 edições)

Novo endereço da Revista Ave Maria
na internet

www.avemariainternet.com.br

IMPRESSO FECHADO - PODE SER ABERTO PELA E.C.T.